

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**ESTUDO SOBRE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE CASAMENTO E
PRÁTICAS CONJUGAIS PARA NIPO-DESCENDENTES E
BRASILEIROS**

ANA SAYURI RIBEIRO WARICODA

VITÓRIA
2010

ANA SAYURI RIBEIRO WARICODA

**ESTUDO SOBRE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE CASAMENTO E
PRÁTICAS CONJUGAIS PARA NIPO-DESCENDENTES E
BRASILEIROS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, sob orientação do Prof. Dr. Lídio de Souza.

UFES

Vitória, agosto de 2010.

ANA SAYURI RIBEIRO WARICODA

**ESTUDO SOBRE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE CASAMENTO E
PRÁTICAS CONJUGAIS PARA NIPO-DESCENDENTES E
BRASILEIROS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Lídio de Souza

Universidade Federal do Espírito Santo

Orientador

Prof. Dr. Paulo Rogério Meira Menandro

Universidade Federal do Espírito Santo

Prof^a. Dr^a. Ingrid Faria Gianordoli-Nascimento

Universidade Federal de Minas Gerais

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

W276e Waricoda, Ana Sayuri Ribeiro, 1979-
Estudo sobre representações sociais de casamento e
práticas conjugais para brasileiros descendentes e não
descendentes de japoneses / Ana Sayuri Ribeiro Waricoda. –
2010.
77 f.

Orientador: Lídio de Souza.
Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade
Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e
Naturais.

1. Casamento. 2. Representações sociais. 3. Relações de
gênero. 4. Japoneses. 5. Amor. 6. Cultura. I. Souza, Lídio de,
1954-. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de
Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 159.9

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, pelo amor, dedicação, cobrança em minha formação, por acreditarem nos meus sonhos, superando a saudade, compreendendo minha ausência e pelo auxílio quanto à coleta de dados.

Ao meu orientador, Lídio de Souza, pela paciência comigo, pelas aulas brilhantes e exemplo de postura profissional que muito me ensinaram.

Aos meus familiares brasileiros e japoneses que me permitiram viver entre “grinaldas e sushis”.

Aos amigos queridos Simone e Alex por serem minha família no Espírito Santo, pelo incentivo e por compartilharem momentos de sufoco, descanso e risadas muito importantes para minha história.

Aos professores da pós-graduação pelos debates, pelo conteúdo enriquecedor das aulas e convivência ao longo das disciplinas. Em especial, às professoras Zeidi Araújo Trindade e Maria Cristina Smith Menandro, pelo aprendizado e carinho nos muitos momentos de convívio na Rede.

Aos colegas mestrandos e doutorandos pela disposição para ensinar, especialmente, aos amigos Carol, Camila, Alexandre, Cinthia, Renata, Beatriz, e Maria Fernanda [minha eterna irmã de orientação].

Aos meus grandes amigos, Kelly e Filipe, que souberam conviver com o meu estresse e, com muito carinho, estiveram sempre disponíveis a escutar, trabalhar comigo ou simplesmente alegrar meus dias.

À Lúcia Frajóli, secretária da pós-graduação, que sempre me ajudou como profissional e amiga.

À Capes pela bolsa.

Aos participantes que se dispuseram a contar suas histórias de casamento e amor e às colônias japonesas de Itapeva, Itapetininga e Vitória pelo espaço e dedicação insuperáveis e fundamentais para a realização dessa pesquisa.

Não poderia deixar de agradecer meus alunos que de alguma maneira procuraram colaborar com esta pesquisa. Em particular, Luana e Gisele, pela participação como pesquisadoras auxiliares na coleta de dados no município de Alegre.

RESUMO

Cem anos após a chegada dos primeiros imigrantes japoneses no Brasil, seus descendentes [nikkeis] constituem uma parcela da população brasileira que recebe influências culturais ocidentais, mas também compartilha costumes e valores peculiares japoneses. Esta pesquisa pretendeu conhecer por meio da Teoria das Representações Sociais e das Teorias de Gênero, como as concepções de casamento e amor podem ser afetadas pelas influências culturais brasileiras e japonesas entre nikkeis e não-descendentes de japoneses, e assim, compreender mais sobre o universo da cultura brasileira e japonesa no cotidiano dessas pessoas. Para tanto, 100 participantes de ambos os sexos, nikkeis e não-descendentes de japoneses, responderam a um questionário de evocação, contendo os termos indutores *casamento* e *amor*, e utilizou-se o software EVOC para o processamento dos dados obtidos. Em seguida, entrevistou-se oito desses participantes, quatro homens e quatro mulheres nikkeis, quanto à história e ao cotidiano conjugal. Para o processamento dos dados coletados nas entrevistas aplicou-se técnica da Análise de Conteúdo. Os resultados indicam representações sociais ancoradas em modelos tradicionais de conjugalidade e de amor, mas que possuem nas periferias elementos que indicam a influência do amor-romântico e do individualismo que podem colaborar com uma mudança de concepção. Quanto às práticas identificadas nos discursos dos entrevistados, estas revelam relacionamentos influenciados principalmente por uma visão individualista, em que os gastos e as tarefas domésticas são compartilhadas por ambos os sexos no casamento. Contudo, há no discurso das mulheres uma dificuldade dos homens em aceitar esta divisão, enquanto para os homens entrevistados, a divisão é uma realidade.

Palavras-chave: Casamento, Representações Sociais, Gênero, Japoneses.

ABSTRACT

One hundred years after the arrival of the first Japanese's immigrants in Brazil, their descendants constitute a portion of the Brazilian population receiving Occidental cultural influences, but also share peculiar Japanese customs and values. This research intended to know by the Theory of Social Representations and Theories of Gender, how conceptions of marriage and love can be affected by cultural influences between Brazilian and Japanese-Brazilian, and thus understand more about the universe of Brazilian and Japanese culture for these people. Therefore, 100 women and men participants, Brazilian and Japanese-Brazilian, answered an evocation questionnaire containing the terms inducers *marriage* and *love*, and has used the software EVOC for processing the data. Then we interviewed eight participants, four men and four women, Nikkei, about marital history and everyday life. For processing data collected in interviews applied technique of analysis Content. The results indicate social representations based on traditional models of marital and love, but they have in peripheral elements that indicate the influence of love-romantic and individualism that can collaborate with a change of conception. As practices identified in participants' reports, they reveal relationships mainly influenced by an individualistic vision, in that spending and household tasks are shared by both sexes in marriage. However, there is in the women discourse a hard time men in accepting this division, while for the men interviewed, the division is a reality.

Keywords: Marriage, Social Representations, Gender, Japan.

SUMÁRIO

RESUMO	VII
ABSTRACT	VIII
1 APRESENTAÇÃO	11
2 INTRODUÇÃO	13
2.1 GÊNERO E CASAMENTO NO OCIDENTE	13
2.2 O CASAMENTO NO JAPÃO	19
2.3 A IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL	25
2.4 A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	29
3 ARTIGO 1	32
3.1 INTRODUÇÃO	36
3.2 MÉTODOS	42
3.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	44
3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
4 ARTIGO 2	55
4.1 INTRODUÇÃO	57
4.2 MÉTODOS	61
4.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	62
4.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	71

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 77

6. REFERÊNCIAS

ANEXOS

1. APRESENTAÇÃO

A idéia de trabalhar a temática surgiu inicialmente por um interesse pessoal ao passar anos escutando as histórias e presenciando as aventuras, encontros e desencontros de meus familiares e amigos descendentes de japoneses. A começar por minha avó imigrante japonesa, que no Brasil conheceu o marido no altar e após sua morte passou mais de 50 anos viúva sem querer se casar novamente, até chegar à minha própria história de amores e de casamento, que misturam traços tipicamente brasileiros com elementos fortes da cultura japonesa. Não há como negar, amor e casamento são dois temas que em algum momento da vida povoam nosso imaginário.

Foi fundamental para a decisão de trabalhar com a temática ter participado da disciplina *Tópicos Especiais em Processos Psicossociais II*, que ofereceu textos e debates sobre gênero, relações amorosas, sobre a Teoria das Representações Sociais e possibilitou experimentar na prática o uso do software *EVOC* - um dos métodos escolhidos para a análise dos dados nesta pesquisa. Através desta disciplina pude realizar um estudo de caso em uma família nipo-brasileira, sobre as representações sociais de casamento para mulheres de três gerações, estudo que impulsionou a elaboração deste projeto.

Gostaria de destacar também a importância das discussões e pesquisas sobre gênero e representações sociais de que pude participar, realizadas na *Rede de Estudos e Pesquisas em Psicologia Social*, deste Programa de Pós Graduação em Psicologia.

Para a apresentação dessa pesquisa, inicialmente será realizada uma breve revisão literária sobre gênero e casamento no Ocidente e no Japão, sobre a imigração japonesa no Brasil e sobre o estudo das representações sociais.

Em seguida será apresentado o primeiro artigo, confeccionado de acordo com as normas de publicação da revista científica *Psicologia em Estudo*, que pretendeu analisar as representações de amor e casamento para nikkeis [descendentes de japoneses] e não descendentes de japoneses. Inicialmente, será realizada uma breve introdução teórica sobre amor, casamento, imigração e a Teoria das Representações Sociais. A seguir, são descritos os critérios para a seleção dos participantes, os instrumentos e os procedimentos para a coleta, o tratamento e a análise dos dados. Logo após, os resultados serão apresentados e discutidos, encerrando com as considerações finais do artigo.

O segundo artigo, organizado de acordo com as normas para publicação da revista científica *Estudos de Psicologia*, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Natal), será apresentado em seguida ao primeiro artigo. Este estudo investigou concepções de parceiro amoroso e as práticas conjugais para os nikkeis entrevistados a partir das teorias de gênero, e iniciar-se-á por uma breve introdução teórica sobre a imigração japonesa no Brasil e gênero. Em seguida, serão apresentados os participantes, os instrumentos e os procedimentos para a coleta de dados, o tratamento e a análise dos dados.

Nas considerações finais serão realizados alguns apontamentos e conclusões desta pesquisa e questões não respondidas, mas passíveis de investigações futuras.

2. INTRODUÇÃO

2.1 Gênero e casamento no Ocidente

Diferente do sexo, que remete às diferenças biológicas, gênero está relacionado à cultura no que se refere à construção e às classificações sociais de feminino e masculino (Pinsky, 2009). “As diferenças biológicas entre os sexos vão sendo apropriadas pelo social ao longo do tempo, naturalizando a diferença em todas as áreas de relacionamento que envolvem homens, mulheres e poder” (Gianórdoli & Trindade, 2002, p. 107). Assim, Scott (1986) define gênero como um elemento relacional baseado nas diferenças sociais entre homens e mulheres, além de uma forma de compreensão das relações de poder entre feminino e masculino.

Pesquisas sobre gênero tornaram-se mais freqüentes a partir de 1980 devido às influências do movimento feminista, mas foi nos anos 1990 que gênero se consolidou como categoria de análise acadêmica e referencial para o diagnóstico das desigualdades existentes entre homens e mulheres (Peres, 2004). A partir dos estudos sobre feminilidade e masculinidade, cada vez mais informações em diferentes áreas do saber – psicologia, sociologia, antropologia, geografia, entre outras – puderam ser obtidas, permitindo assim, a discussão da construção do feminino e do masculino ao longo da história (Scott, 2005), conectando ainda à análise reflexões que consideram etnia, raça, classe, grupo etário e nação (Pinsky, 2009).

A temática do casamento está intrinsecamente ligada às discussões de gênero se considerar que no passado o processo de se tornar mulher era resumido a uma longa preparação para ser uma boa esposa e mãe zelosa, o que só acontecia com o matrimônio,

momento em que a mulher era testada para saber se havia sido “bem educada”, enquanto o homem ocupava uma posição de poder na relação conjugal (Del Priori, 2007). Assim como o gênero, o casamento também se trata de uma construção sócio-cultural, podendo ser analisado historicamente.

Até o século XVIII o casamento era considerado uma instituição muito importante, não por simbolizar o amor entre duas pessoas, mas sim, uma união entre duas famílias, traduzida por interesses sociais e econômicos, como analisa Ariès (1987). A paixão não estava relacionada ao casamento e os deveres de marido e esposa eram definidos por tradições consideradas inquestionáveis (Giddens, 1993). Neste período as famílias eram constituídas por muitas pessoas que moravam juntas, sem a obrigatoriedade de existirem laços consanguíneos entre elas. O homem circulava pela esfera pública e era considerado o único capacitado para ser o provedor financeiro. À mulher cabia a continuação biológica e social da espécie, devendo tornar a família um refúgio e ser o suporte afetivo de todos, além de estar sempre submissa a seu marido, confinando-se ao ambiente doméstico e assumindo o posto de “rainha do lar” (Jong et al., 2004; Badinter, 1985).

Na Alemanha e França vigorava a imagem masculina ligada à honra e ao cavalheirismo, enquanto no Brasil a masculinidade estava relacionada ao macho colonial, à virilidade. As mulheres brasileiras eram pensadas obedecendo a uma dualidade: ora santa como a Virgem Maria, ora prostituta como Eva pecadora (Trindade; Nascimento; Gianordoli-Nascimento, 2006). Mesmo com essa dualidade que organiza as possibilidades do feminino, segundo Scott (2005), todas as mulheres eram classificadas em uma categoria mais ampla: eram inferiores aos homens. Apenas os homens eram considerados indivíduos e legítimos cidadãos. Foram essas relações assimétricas de poder que estabeleceram a

subjugação da mulher ao homem, caracterizando o patriarcalismo como o padrão das relações de gênero (Giddens, 1993).

A partir da Revolução Industrial e conseqüente divisão social e sexual do trabalho, a família tornou-se nuclear - composta por pai, mãe e filhos. Quanto mais a casa tornava-se refúgio, mais a família passava a monopolizar a afetividade, criando e alimentando um sentimento de intimidade e proximidade entre o casal. Aos poucos o casamento tornou-se “[...] uma escolha individual, responsável e autônoma, baseada em laços de afeto e de afinidade” (Magalhães; Féres-Carneiro, 2003, p. 05, 06), não mais por obediência e/ou religiosidade (Araújo; Picanço; Scalon, 2008). Assim, cada vez mais as pessoas passavam a buscar no outro o amor e a satisfação sexual, a outra “metade da laranja”, necessidades que antes não estavam associadas ao casamento.

Nóbrega, Fontes e Paula (2005) pesquisaram sobre o amor e discutem que este se traduz no desejo de possuir o outro como solução para completar o vazio interior de cada um. Porém, quando uma relação termina ou não se concretiza [amor não correspondido], a pessoa pode se reconhecer incompleta por perceber o vazio que ficou e era preenchido pelo(a) amado(a). De acordo com Moscovici (1988) é o sentimento de solidão que cria o desejo de possuir o outro, e juntamente com o desejo coexiste o temor resultante da necessidade e do medo do desconhecido. O amor enquanto desejo de posse do outro, se traduz como perda de liberdade (Moscovici, 1988), situação que no século XX passa a ser vivenciada como sofrimento (Szapiro; Féres-Carneiro, 2002), possivelmente devido ao fortalecimento da ideologia do individualismo no Ocidente.

Quanto ao individualismo, é polêmica a discussão em torno das conseqüências que acarreta às relações sociais pós-tradicionais. Goldani (1994) acredita que as pessoas tornam-se mais egoístas, voltando sua atenção freqüentemente para problemas objetivos do

dia-a-dia e refletindo menos sobre as desigualdades brasileiras. Deste modo, torna-se mais distante a possibilidade de repensar e estruturar as instituições em geral, fato que inclui as estruturas familiares.

Outra perspectiva é a de Giddens (1993; 2002) que se dedicou ao estudo das relações afetivo-sexuais pós-tradicionais sob um viés igualitarista. Para o autor, as mudanças sócio econômicas estimulam as pessoas a refletirem e reelaborarem a intimidade enquanto atores principais de seus relacionamentos em geral. Defende que os movimentos feministas foram pioneiros na abertura da discussão de uma autonomização dos indivíduos baseada na construção de uma identidade desvinculada do padrão tradicional, que considerava o homem o detentor do poder nas relações, desenvolvendo aos poucos uma maior reflexividade, reciprocidade e interdependência. Em relação às mudanças na estrutura das famílias, Giddens (1993; 2002) não defende que apontam para o esfacelamento familiar, mas que os novos modelos traduzem-se no enfraquecimento da rigidez dos papéis sociais familiares e conjugais.

No que se refere aos novos arranjos familiares, nas últimas décadas, houve um declínio da família nuclear [formada pelo casal e filhos] e tornaram-se frequentes formações familiares monoparentais femininas [formadas por mãe e filhos]; as taxas de separação, divórcio e recasamentos aumentaram, enquanto a taxa de fecundidade caiu. Lloyde e Duffy (1998) indicam que além dessas tendências também pode ser observado um aumento da idade das mulheres em seu primeiro casamento e para ter o primeiro filho, destacando um acelerado processo de mudanças (Sorj, 2005). O avanço dos movimentos feministas contribuiu consideravelmente para a redefinição das identidades de gênero como moralmente desiguais (Sorj, 2005; Pinsky, 2009). No entanto, apesar de a mulher conseguir, após todas essas mudanças, conquistar um lugar nos espaços públicos, ela ainda

continua a ser a principal responsável pelos cuidados com a casa e a família, enquanto continuam sendo competências masculinas o trabalho e a manutenção econômica da família (Torres, 2001; Silva, 2002). Ribeiro (2005, p. 199) constatou ainda que “[...] os maridos continuam a ter posições de classes superiores às de suas esposas [...]”. Ou seja, como explicam Trindade, Nascimento e Gianordóli-Nascimento:

[...] ainda que se reconheçam hoje avanços na área do conhecimento científico, e mesmo na prática cotidiana do tema, se mantêm no discurso diário concepções e representações seculares sobre o que são uma mulher e um homem (2006, p. 189).

Outro fato que pode colaborar com a reflexão sobre a presença dos modelos tradicionais de masculinidade e feminilidade é a reação da sociedade frente à luta pela legitimação do casamento homossexual. Gays e lésbicas reivindicam o reconhecimento de seus vínculos afetivos sexuais diante da lei e se contrapõem à idéia de que somente através da união entre um homem e uma mulher pode haver desejo, sexualidade e família. Grande parte das pessoas reage negativamente diante deste movimento, o que Mello (2006) indica ser causado pela “[...] hierarquização de distintas formas de conjugalidade” (p. 500). Este mesmo pesquisador acredita ser essa uma “[...] expressão de injustiça erótica e opressão sexual” (2006, p. 500), reforçando o padrão do casamento como união entre um homem e uma mulher com papéis tipicamente definidos.

No que se refere às pesquisas relacionadas a gênero e conjugalidade, Féres-Carneiro (1997) investigou a escolha amorosa de pessoas homo e heterossexuais, constatando que os homens e as mulheres heterossexuais valorizam a fidelidade, a integridade, o carinho e a paixão; as mulheres homossexuais também valorizam essas características, diferentemente dos homens homossexuais que enfatizam serem importantes a atração física e a capacidade erótica do parceiro.

Em outra pesquisa realizada por Féres-Carneiro (2003), foi investigada a dissolução da conjugalidade, e os resultados mostram que o desejo e a decisão de se separar são predominantemente femininos. A pesquisadora também constatou que no processo de separação os homens sentem-se, sobretudo, frustrados e fracassados; enquanto as mulheres, magoadas e sozinhas.

Garcia e Tassara (2003), ao analisar os possíveis problemas que podem surgir no casamento, afirmam que nos novos modelos de conjugalidade a durabilidade do casamento é contestada até mesmo antes que ele se realize, diferente do que costumava acontecer a séculos atrás em que os laços matrimoniais só se desfaziam com a morte do cônjuge. Os resultados da pesquisa mostram quais são os problemas que mulheres de classes média e alta acreditam haver no casamento: a falta de diálogo, o temperamento do parceiro, as divergências entre o casal na educação dos filhos e as desigualdades entre os gêneros. As autoras explicam também que as mulheres entrevistadas procuram a utopia do amor romântico, mas sentem que sustentá-lo torna-se cada dia mais difícil. Braz, Dessen e Silva (2005) pesquisaram as relações parentais e maritais de famílias pobres e de status social mediano e concluem que, para as pessoas dessas classes a satisfação no casamento depende da capacidade de negociar e ceder entre si quando os conflitos surgem, para assim dar continuidade ao casamento. No entanto, mesmo com essas dificuldades encontradas no cotidiano conjugal, Hollenbach (2003) em pesquisa sobre a representação social de casamento nas matérias da revista *TPM*, chegou à conclusão que o casamento é uma instituição desejável.

Assim, compreende-se que os padrões tradicionais de feminino e masculino convivem com os novos modelos de relações amorosas e de casamento, resultando em conflitos conjugais e sofrimento para os cônjuges que muitas vezes não conseguem

entender as dificuldades do convívio conjugal e seus próprios desejos em relação ao casamento. Em particular, no caso dos homens e mulheres nipo-brasileiros, também coexistem elementos tradicionais da cultura japonesa no cotidiano, que podem influenciar nas imagens que possuem de casamento e em suas relações amorosas.

Desta maneira, para contribuir com a discussão sobre casamento para as pessoas nipo-brasileiras, serão apresentadas no tópico a seguir as principais características do casamento no Japão no decorrer da história.

2. 2 O casamento no Japão

O mito da criação do Japão conta a estória de um belo casal de deuses, que para ter filhos lindos, parte para a Terra, ainda desabitada. Chegando lá, a jovem deusa *Izanami* pede em casamento seu amado *Izanagi*, e o resultado são filhos monstruosos: uma espécie de sanguessugas e uma medusa. Desesperados, os pais rejeitam os filhos e voltam ao céu para perguntar aos outros deuses o que aconteceu de errado. Estes respondem que o erro foi a mulher ter pedido o homem em casamento, sendo esta uma tarefa exclusivamente masculina. Então, o jovem casal volta a Terra e no caminho, *Izanagi* pede *Izanami* em casamento. O resultado são filhos maravilhosos: as ilhas japonesas, montanhas, rios, rochas, vegetais, animais e seres humanos.

Este mito constitui-se um exemplo de regra relacionada ao casamento e mostra que a distinção social entre gêneros é o próprio mito da criação do Japão, reforçando a idéia de que os papéis masculinos e femininos são hierarquicamente estabelecidos e devem ser rigidamente seguidos. Diferente do que ocorre com a maioria das sociedades ocidentais modernas, a sociedade japonesa por excelência é rigidamente hierárquica. É esta ordem

preexistente a responsável pela manutenção do sentido do social que mantém os padrões sociais claros e seguidos por praticamente todos, com poucos questionamentos, visto não deixar muita possibilidade de negociação. Ainda assim, a instituição casamento e a família sofreram mudanças significativas ao longo do tempo, acompanhando os períodos da história do Japão.

No período medieval, as famílias japonesas eram patriarcais, monogâmicas, patrilocais e numerosas como no Ocidente. Os casamentos japoneses eram meras conveniências sociais e políticas, arranjados pelos pais e chefes dos clãs, mas não pelos futuros cônjuges. Interessava para a aristocracia japonesa manter e expandir o feudo, o poder e consolidar as diferenças sociais. Assim, ter filhos era essencial por simbolizar a união entre as famílias, ao ponto de o casamento ser desfeito e a mulher voltar a morar com seus pais quando o casal não tinha filhos (Sakurai, 2007).

A partir de 1868, a estrutura familiar foi modificada pelos governantes em uma estrutura piramidal, na qual se encontrava no topo o imperador, considerado o pai de todo o Japão. Muitos aspectos do modelo familiar antigo japonês mudaram; foi instituído pela Constituição de 1890 que as famílias deveriam ser registradas, e que homens menores de 30 anos e mulheres com menos de 25 só poderiam se casar com a autorização do chefe dos *honke* - estruturas familiares grandes que formavam os clãs (Sakurai, 2007).

Os casamentos eram arranjados entre as famílias dos pais e comumente os noivos se conheciam apenas na véspera ou no dia do casamento. A esposa era a responsável pelo lar, tornando-o refúgio e fonte de calor e conforto para o marido que trabalhava fora e se esforçava para manter financeiramente a casa. De acordo com as tradições, ainda hoje a mulher sempre deve comer por último, banhar-se depois de todos, cuidar da alimentação do marido e filhos, da limpeza, da arrumação e principalmente controlar as despesas da

família. Contudo, o calor e o conforto do lar estavam relacionados ao cumprimento dos papéis sociais de marido e esposa e em nada estavam ligados à idéia do amor romântico no casamento como acontecia neste período no Ocidente.

No início do século XX, o Estado era considerado uma grande família, e cada família reproduzia em si o próprio Estado, sustentando e intensificando a necessidade de passar para as novas gerações valores como obediência e lealdade à hierarquia que deveria obedecer à seguinte ordem: imperador, governantes, professores, organizadores dos quarteirões das residências, avós, pais e irmãos mais velhos (Sakurai, 2007).

Como já foi indicado, neste período no Ocidente estabelecia-se o individualismo, enquanto no Japão as regras sociais relacionadas ao casamento mantinham-se tradicionais. Eram comuns os *miais* em todas as classes sociais. Os *miais* são apresentações de jovens solteiros, arranjadas por um terceiro, que visavam o matrimônio. A pessoa encarregada de organizar os encontros escolhia os pretendentes de acordo com as características de cada candidato e sua família. Depois de casados, a mulher deixava seus pais e passava a fazer parte da família do marido – descendência patrilinear – indo morar com pelo menos três gerações diferentes na mesma casa.

Por conta desse costume, a “sogra japonesa” tem, até hoje, uma imagem bastante estereotipada como a megera que desconta na esposa do filho tudo aquilo que sofreu nas mãos de sua sogra; a esposa trabalha e a sogra critica, pois esta continua sendo uma “mãe sábia”. (SAKURAI, 2007, p. 309)

Após a Segunda Guerra Mundial, de acordo com Sakurai (2007), o Japão ficou sob a ocupação americana, fato que resultou em várias modificações na estrutura familiar. As famílias tornaram-se nucleares e as mulheres passaram a ter direitos iguais aos dos homens. O Código Civil de 1947 instituiu que o casamento seria de livre escolha dos noivos, sem depender da aprovação de terceiros. Foram mudanças drásticas que

necessitaram de tempo para serem incorporadas pelos japoneses. Estes fatos aliados às mudanças no mercado de trabalho, à industrialização e ao crescimento das cidades, colaboraram significativamente para que as desigualdades nas relações de gênero fossem atenuadas.

Atualmente, as japonesas são livres para escolher com quem desejam casar, e não são mais obrigadas a morar com a família do futuro esposo. No entanto, a prática do *miai* se mantém e a imagem feminina ainda é associada aos cuidados com a família, enquanto depositam-se no homem as obrigações de provedor financeiro da esposa e dos filhos. Em uma pesquisa sobre gênero e comportamento político no Japão, Steel (2004) aponta também que as japonesas interessam-se pouco por política e são mais submissas e passivas que os homens.

Em geral, o marido passa muito tempo longe da família, pois além de o japonês possuir uma jornada de trabalho longa, freqüentemente reside distante da empresa em que trabalha, despendendo horas para chegar em casa. A mulher, mesmo tendo uma carreira profissional brilhante, ao se casar deixa o trabalho fora de casa e dedica-se exclusivamente aos cuidados domésticos e aos filhos. “Até o nascimento do primeiro filho, elas trabalham e são comparadas a flores dentro de um escritório: são bonitas, mas passageiras. Tornar-se uma ‘mãe sábia’ tem total prioridade sobre o sucesso profissional das mulheres [...]” (Sakurai, 2007, p. 320, grifo da autora). De acordo com Sakurai (2007), mesmo nos dias atuais, o amor romântico não é uma expectativa para o casamento. A autora afirma que aos cônjuges é desejável apenas que vivam em harmonia, seguindo os ensinamentos religiosos principalmente do Xintoísmo e Budismo.

Contudo, desde a década de 1980, apesar de ser pequena a participação das japonesas no movimento feminista, termos como feminismo [*feminizumu*] passaram a ser

muito utilizados (Nakamatsu, 2005; Sakamoto, 1999). Figueroa-Saavedra (2004) acredita que parte das mulheres passou a questionar e relativizar os princípios e normas do sistema japonês, que possui “[...] uma marcada divisão sexual da vida social que exclui a mulher dos âmbitos públicos e produtivos¹” (p. 168, tradução nossa).

Segundo Nemoto (2008), a mulher japonesa se casa porque deseja ter filhos, por causa das exigências sociais e para ter segurança quanto ao seu futuro financeiro. Ueda (2007) sugere que para as japonesas os inconvenientes do casamento – o trabalho doméstico, a maternidade, entre outros - são maiores que as possíveis vantagens da vida de casada – coabitação, benefícios sociais e a felicidade. Entre continuar morando com os pais e se casar, deixar o emprego e assumir os afazeres domésticos, as japonesas oriundas de famílias com boas condições financeiras optam por não se casar (Raymo & Ono, 2007).

Vários pesquisadores têm observado uma queda considerável na taxa de fecundidade, e um adiamento do casamento pelas mulheres, como no Ocidente. O Japão é um dos países onde as mulheres demoram mais para ter o primeiro casamento ou união estável de acordo com o National Institute of Population and Social Security Research [NIPSSR], (2005 apud Raymo & Ono, 2007). Ueda (2007) informa que:

[...] a porcentagem de mulheres que nunca se casaram com idade entre 25 e 34 anos, passou de 15,9% em 1980 para 41,0% em 2000. A taxa total de fertilidade caiu de 1.75 em 1980 para 1.29 em 2004. Durante este tempo, a taxa de participação na força de trabalho de mulheres entre 25 e 59 anos passou de 48,8% em 1980 para 65,5% em 2000² (2007, p. 443, tradução nossa).

Raymo e Ono (2007) acreditam que a diminuição do interesse pelo casamento relaciona-se à dificuldade imposta às mulheres para conciliar trabalho e família comparada

¹ texto original: “[...] una marcada división sexual de la vida social que excluye a la mujer de los ámbitos públicos y productivos.”

² texto original: “[...] the percentage of never married women aged 25–34 increased from 15.9% in 1980 to 41.0% in 2000. The total fertility rate fell from 1.75 in 1980 to 1.29 in 2004. During that time, the labour force participation rate of women aged 25–59 rose from 48.8% in 1980 to 65.5% in 2000.”

com o aumento da independência financeira da mulher solteira. A permanência das japonesas até em média 35 anos na casa dos pais levou à criação do termo “parasite singles”, solteiras parasitas - mulheres que demoram a sair da casa paterna evitando assumir os deveres da vida de casada (Raymo; Ono, 2007; Nemoto, 2008). Na casa dos pais elas podem continuar a trabalhar, não precisam se responsabilizar por uma família nem por afazeres domésticos. Vale lembrar que não se casa por amor, mas por conveniência. É preciso que o casamento traga benefícios mais atrativos para as japonesas.

Como existem mais homens solteiros que mulheres solteiras no Japão, estas se tornaram altamente seletivas. Nakamatsu (2005) pesquisando sobre as relações entre homens e mulheres urbanos e rurais, concluiu que as japonesas têm preferência por homens bem sucedidos e modernos, segundo o autor, urbanos. Assim, os japoneses das zonas rurais tem dificuldade de conseguir uma esposa japonesa. No Japão existem muitas agências de casamento trazendo mulheres asiáticas de outros países para se casarem com homens do meio rural rejeitados socialmente pelas japonesas solteiras.

Para Raymo, Kikuzawa, Liang e Kobayashi (2008), o casamento é valorado positivamente pelos homens japoneses com mais de 60 anos, e está associado à autoestima emocional e o bem estar. Os pesquisadores sugerem que a diminuição dos casamentos pode resultar em prejuízo para o bem estar dos homens japoneses idosos, visto considerarem que as ocorrências de divórcio geralmente envolvem casais aposentados e, freqüentemente, por iniciativa feminina. As mulheres ao adquirirem a aposentadoria garantem sua independência financeira e, como os filhos estão casados e independentes, optam pela separação. No entanto, os autores não discutem as diferenças de gênero presentes no resultado dessa pesquisa, essencial para compreender as conseqüências

futuras que serão acarretadas pela falta de interesse feminino no casamento, bem como pelas desigualdades entre os gêneros.

Considerando as pesquisas apresentadas e a história das mulheres e dos homens japoneses, entende-se que diante da dificuldade de negociar as determinações sociais para o feminino e o masculino, as japonesas estão optando por manterem-se solteiras por mais tempo. Desta maneira, elas evitam a vivência como esposa confinada aos cuidados da família e do ambiente doméstico, e prolongam uma restrita, mas existente, abertura de que gozam na vida pessoal e profissional enquanto solteiras. Uma possível justificativa que para os ocidentais manteria o casamento - a manutenção da relação afetiva com o cônjuge, e principalmente do amor conjugal que pode sustentá-la [desenvolvido pelo convívio conjugal amoroso], em geral não está presente no cotidiano matrimonial japonês, deixando a cargo das conveniências sociais a manutenção do laço conjugal - as quais não se apresentam mais atraentes que a vida de solteira nas condições sócio econômicas atuais.

Expostas algumas características sobre o casamento no Japão serão brevemente discutidos aspectos referentes à imigração japonesa no Brasil e à população nipo brasileira no que se refere à temática do casamento, foco desta proposta.

2. 3 A imigração japonesa no Brasil

Em 1908, o navio Kasato Maru desembarcou no porto de Santos trazendo 781 japoneses e japonesas, que migraram em busca de enriquecer rápido para retornarem ao Japão ricos (Hirata, 2002). Desde a chegada ao Brasil até a década de 1920 os homens eram a maioria. No entanto, após esse período até o censo de 2000, o número de imigrantes mulheres japonesas vem aumentando e quase se iguala ao de homens imigrantes. A

desproporção inicial deveu-se aos contratos de imigração que exigiam um número maior de homens por família que desembarcava (Pereira & Oliveira, 2008).

No início do movimento migratório japonês para o Brasil, o imigrante tinha o objetivo de juntar dinheiro fácil e voltar rico para sua terra natal. Com isso, as famílias buscavam preservar a cultura japonesa, transmitindo-a de pai para filho, ensinando o idioma japonês para as crianças, e mantendo dentro do possível as tradições de seu país de origem. “[...] esse fortalecimento compartilhado possibilitou-lhes a preservação de padrões específicos da sua cultura e, ao mesmo tempo, deu elementos para a construção de sua identidade cultural no Brasil” (Wawzyniak, 2008, p. 03).

No entanto, com a derrota do Japão na Segunda Guerra, este ideal de “voltar para casa” foi frustrado, e o imigrante buscou se adaptar ao Brasil, procurando integrar-se à população local. Diante das dificuldades enfrentadas para se adaptar, os japoneses utilizaram como estratégia a superestima e prática de valores como disciplina, respeito, união e solidariedade, já cultivados pela sociedade japonesa, e que colaboraram para minimizar a imagem negativa e de estranhamento que os brasileiros tinham dos orientais (Demartini, 1997; Wawzyniak, 2008).

As mulheres japonesas e suas descendentes brasileiras alimentavam, e muitas ainda alimentam, a imagem típica da mulher tradicional japonesa, tímidas, reservadas e submissas (Kawamura, 2008). Mesmo com essa estratégia, foi necessário que os imigrantes se apropriassem, pelo menos parcialmente, da cultura brasileira para melhor se integrar no país. De acordo com Kawamura (2008), apesar de manter práticas japonesas como os *miai*, ensinando o idioma, mantendo o cuidado com os idosos, entre outras, os nipo brasileiros “deram lugar a práticas ocidentalizadas e integradoras à sociedade brasileira” (p. 172). Uma das práticas que rapidamente se ocidentalizou foi a matrimonial.

As festas de casamento eram abraçadeiras, misturando o tradicional vestido branco de noiva, o véu e a grinalda, a jantares servidos com *sushis*³. Nos casamentos típicos da colônia japonesa no Brasil, antes de comer todos brindavam saudando “*kanpai, banzai*,⁴ viva”. A própria adição da palavra “viva”, que é a repetição da tradução da palavra *banzai* na saudação aos noivos, pode ser considerada uma tentativa de integração dos imigrantes à população brasileira.

Quanto aos matrimônios, eram raras as uniões entre brasileiros e japoneses até a década de 1950 (Lesser, 2001). A colônia ainda era muito fechada e, segundo Suda (2005), havia muito preconceito de ambos os lados, além de muitas diferenças culturais que dificultavam a união entre casais das duas etnias. De acordo com Lesser (2001), a porcentagem de casamentos interétnicos entre brasileiros e imigrantes japoneses varia entre 46% e 60% respectivamente, ou seja, hoje são muito mais freqüentes que nas primeiras décadas da imigração japonesa.

Para Suda (2005, p. 19), o casamento interétnico é facilitado pela fixação residencial dos japoneses na zona urbana, “além de um amadurecimento dos descendentes em relação à sua etnia, sem temer a perda da identidade”. A pesquisadora também afirma ser mais freqüente a união entre homens japoneses e mulheres brasileiras, que homens brasileiros com mulheres japonesas. Ela explica que a prática social japonesa em que a mulher deixa sua família para tornar-se membro da família de seu marido, contribui com a opção das japonesas de se casarem com homens japoneses. Suda (2005) também indica que o brasileiro acreditava que a mulher era a transmissora das características herdadas pelos filhos e, temendo ter descendentes “amarelos”, freqüentemente escolhiam companheiras não japonesas.

³ Pequeno bolo de arroz enrolado em alga, prato típico da culinária japonesa.

⁴ *Kanpai* e *Banzai* são duas palavras ditas em brindes que significam respectivamente “saúde” e “viva”.

A terceira geração de imigrantes japoneses no Brasil, apesar de não cultivar costumes tradicionais tão intensamente como seus pais e avós, ainda mantém, além dos traços físicos, contato com alguns elementos da cultura japonesa. Constitui-se, em sua maioria, por jovens adultos de classe média, poucos falam japonês ou estudam o idioma. No entanto, Suda (2005) indica um aumento do interesse pela cultura de seus antepassados, fato que a pesquisadora explica ser devido à boa posição sócio-econômica que o Japão vem apresentando nos últimos tempos, o que desperta o interesse não só daqueles que pretendem migrar para o Japão para conseguir acumular dinheiro em menos tempo, como por causa da valorização dos costumes através de artigos como desenhos animados, filmes, mangás, entre outros.

No que se refere às pesquisas na área, apesar de ter aumentado o número de produções acadêmicas sobre os descendentes de japoneses, ainda é pequeno o volume sobre a terceira geração nipo-brasileira. A maioria estuda os *Dekasseguis*, descendentes de japoneses que migram para o Japão em busca de melhores oportunidades financeiras. Os estudos sobre as mulheres nipo descendentes são ainda mais raros, sendo a maioria voltada também para as que vivem no Japão e lá estão expostas a outras regras e situações diferentes das vividas no Brasil (Birello & Lessa; 2008).

As informações apresentadas nessa breve revisão de literatura não são suficientes para a compreensão da imagem de casamento que possui a população nipo-brasileira, nem para identificar quais influências da tradição japonesa estão presentes no cotidiano dessas pessoas. Contudo, as características comuns aos homens e mulheres nipo brasileiros possibilita a investigação do problema através da Teoria das Representações Sociais, enquanto especificações de gênero podem ser analisadas pelas Teorias de Gênero, por se tratar de um grupo que possui vivências comuns e compartilha significados próprios.

2. 4 A Teoria das Representações Sociais

Para a pesquisa será utilizada como aporte teórico a Teoria das Representações Sociais, proposta por Serge Moscovici, priorizando a abordagem estrutural, baseada na Teoria do Núcleo Central desenvolvida por Jean-Claude Abric. Pretendemos, assim, investigar conceitos de casamento e também de amor para os nikkeis entrevistados, visto serem as representações sociais descritas como “uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (Jodelet, 2002, p. 22). É através da representação social que o sujeito confere sentido ao mundo, adapta-se e encontra seu lugar nesta realidade. Ela orienta a ação e as relações sociais (Abric, 1998).

Moscovici considera que as representações são dependentes “[...] de sistemas de crenças ancorados em valores, tradições e imagens do mundo e da existência” (2003, p. 78) e equivalem aos mitos e crenças das sociedades tradicionais. Moscovici também indica que as representações sociais podem ser consideradas uma “[...] versão contemporânea do senso comum” (1981, p. 31). Vale salientar, então, o aspecto dinâmico que elas possuem, ou seja, que as representações se modificam de acordo com as mudanças histórico-culturais.

Sá (2002, p. 51) considera a teoria das representações sociais “uma grande teoria psicossociológica” que possui como uma das abordagens complementares a teoria do núcleo central. Esta abordagem segue o princípio fundamental de que as representações sociais estão sempre organizadas em torno de um núcleo central. O núcleo central é formado por um ou mais elementos que conferem significado a uma representação, sendo

determinado pela natureza do objeto representado, pelos tipos de relações do grupo com este objeto e pelos valores e normas sociais do ambiente e do grupo (Abric, 1998). O núcleo pode servir a uma função geradora, ou seja, ele gera os outros elementos presentes na representação, conferindo-lhes um sentido. Ele também pode assumir uma função organizadora, por unir entre si os elementos da representação, unificando-os e estabilizando-a (Abric, 1998).

Abric (1998) afirma que o núcleo é a parte mais estável da representação, o que mais resiste à mudança. “Nós afirmamos, então, que é a identificação do núcleo central que permite o estudo comparativo das representações” (p. 31). Não basta apenas identificar o conteúdo de uma representação para reconhecê-la e especificá-la, pois para serem diferentes as representações necessitam estar organizadas ao redor de núcleos diferentes.

Outro aspecto importante apresentado por Abric (1998, p. 31) é que “[...] a centralidade de um elemento não pode ser atribuída somente por critérios quantitativos. [...] Não é a presença maciça de um elemento que define sua centralidade, mas sim o fato que ele dá significado à representação”, assim, o autor indica que o núcleo central tem uma dimensão qualitativa que precisa ser considerada.

Os elementos periféricos organizados ao redor do núcleo são os “componentes mais acessíveis, mais vivos e mais concretos” (Abric, 1998, p. 31). Eles possuem três funções que garantem o funcionamento da representação: concretização, ancoram a representação na realidade; regulação, adaptam a representação às evoluções do contexto; defesa, protegem o núcleo das mudanças sempre que preciso.

Em relação à utilização da teoria das representações sociais em pesquisas, Sá (2002) afirma que existe uma grande variedade de temáticas pesquisadas, inviabilizando a realização de uma revisão bibliográfica mais ampla. Contudo, no que se refere às pesquisas

que investigam gênero utilizando esta teoria, há grande produção de dados sobre desigualdade no meio sócio-ocupacional, e muitos evidenciam a permanência de valores tradicionais quanto às representações de homens e mulheres. Ainda assim, diversos estudos têm produzido informações sobre a reprodução dessa desigualdade, apontando práticas e representações mais igualitárias que procuram minimizar essa problemática.

Considerando esses aspectos, entende-se que investigar as representações sociais de casamento para brasileiros e brasileiras descendentes de japoneses é uma maneira de compreender melhor a influência da cultura japonesa na vida dessas pessoas, e de repensar as questões de gênero que possam estar presentes nas representações sociais de casamento.

3. ARTIGO I

REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE BRASILEIROS E NIKKEIS SOBRE CASAMENTO E AMOR

Título abreviado para cabeçalho: Repres. Social Casam. Amor

SOCIAL REPRESENTATION OF BRAZILIANS AND JAPAN-BRAZILIANS ABOUT MARRIAGE AND LOVE

REPRESENTACIÓN SOCIAL DE BRASILEIROS E NIKKEIS SOBRE MATRIMONIO Y AMOR

Sugestão de título abreviado:

Repres. social bras. nikkei casam. amor

Social Repres. social braz. jap-brazil marriage love.

Repres. social bras. nikkei. matrim. amor

RESUMO

O presente estudo pretendeu conhecer as representações sociais de casamento e amor que descendentes e não descendentes de japoneses possuem, procurando identificar as influências culturais japonesas sobre os nipo-descendentes no que concerne a ambas as temáticas. Para tanto, foram realizadas 100 entrevistas de evocação, com 51 participantes nipo-brasileiros e 49 sem descendência japonesa, de ambos os sexos, com idade variando entre 18 e 50 anos, do interior de São Paulo. As palavras de evocação foram: casamento e amor. Os resultados foram processados pelo software EVOC e constatou-se que apesar da integração à cultura brasileira, os nipo-descendentes ainda são influenciados pela cultura japonesa quanto às representações de amor e casamento, ancoradas em práticas e concepções tradicionais.

Palavras-chaves: Representação social, casamento, nipo-brasileiros.

ABSTRACT

This article is a result of a research in order to understand the social representations of marriage and love among descendants and non-Japanese descendants trying to understand if there are still considerable cultural influences of the Japanese descent in relation to both the themes. For this, 100 interviews using evocation were conducted with 51 participants Japanese-Brazilians and 49 Brazilians without Japanese descent. The results were processed by EVOC software and it was found that despite the integration of the Brazilian culture, the Japanese descendants are still influenced by the Japanese culture about traditional representations of love and marriage, rooted in traditional practices and concepts.

Keywords: Social representation, marriage, Japanese-Brazilian.

RESUMEN

Este artículo es el resultado de una investigación y buscó comprender las representaciones sociales del matrimonio y del amor para los descendientes y no descendientes de los japoneses, con el objetivo de entender si todavía hay considerables influencias japonesas culturales en materia de ambos los temas. Para esto, se realizaron 100 entrevistas de evocación, con 51 participantes descendientes de japoneses y 49 sin ascendencia japonesa. Los resultados fueron procesados por el software EVOC y la conclusión fue que, a pesar de la integración de la cultura brasileña, los descendientes de japoneses siguen influidos por las representaciones sociales del matrimonio y del amor, arraigadas en las prácticas y los conceptos tradicionales.

Palabras-clave: Representación social, matrimonio, descendientes de japoneses.

3. 1 INTRODUÇÃO

Os primeiros imigrantes japoneses chegaram ao Brasil há mais de cem anos atrás, com a esperança de ganhar dinheiro rápido e poder voltar para o Japão com melhor condição financeira (Hirata, 2002). Vários pesquisadores estudaram os costumes, dificuldades e estratégias de adaptação da colônia japonesa no Brasil (Sakurai, 2008; Ninomiya, 2002; Rossini, 2007; Kawamura, 2008, Lesser, 2008). A partir da década de 1990, os netos desses imigrantes começaram a trilhar o caminho inverso: migraram para o Japão com os mesmos objetivos de seus avós - juntar dinheiro para voltar ao país de origem e viver com melhores condições financeiras. O movimento migratório da terceira geração de nikkeis [descendentes de japoneses] para o Japão tem sido pesquisado nas mais diversas áreas científicas, no entanto, são poucos os que investigam as relações afetivas (Birello e Lessa, 2008), sendo a maioria sobre o trabalho e adaptação dos *dekasseguis* [trabalhador que migra temporariamente para outro país] no Japão.

O presente estudo pretendeu investigar representações sociais de casamento e amor para brasileiros e nikkeis, com o objetivo de identificar influências das culturas japonesa e brasileira sobre a vida dos entrevistados. A escolha pela temática das relações afetivas se deu por serem o amor e o casamento construções sociais influenciadas pelas ideologias vigentes, que permitem a investigação de aspectos culturais relacionados.

Em uma perspectiva histórica, Ariès (1987) e Fladrin (1987) discutem amor e casamento inicialmente discutindo o modelo tradicional de conjugalidade, relatando que até o século XIX, o amor não fazia parte da vida conjugal, sendo condenado pela sociedade influenciada pelo cristianismo, que considerava a paixão inadequada para os casados. O próprio desejo do esposo pela esposa quando “ardente” demais era considerado adultério

(Fladrin, 1987, p. 144). Temia-se que o amor apaixonado entre os cônjuges trouxesse prejuízos à vida social e espiritual. Desta maneira, o casamento não era amoroso, mas um negócio entre famílias que buscavam alcançar interesses sociais e financeiros próprios.

No Ocidente, segundo Ariès (1987), o cristianismo pregava a submissão feminina como símbolo do amor conjugal. Os cônjuges deveriam ser um só corpo, mas sem se esquecer que o homem sempre é a cabeça da relação e a mulher, sua auxiliadora. Assim, reforçava-se a confiança e o apego recíprocos entre o casal. Esta forma de amor é considerada por Ariès uma apropriação: nasce na convivência do casal e não é apaixonada, não precisando existir antes do casamento como pré-requisito para que este se realize.

No Japão, os casamentos também eram negócios entre famílias e não se relacionavam com amor. Casava-se para garantir a manutenção da família, sendo a escolha do cônjuge uma decisão dos pais e dos senhores dos clãs (Sakurai, 2007). Foi a partir da Revolução Industrial que esses cenários se modificaram severamente. No Ocidente a família tornou-se nuclear - composta por pai, mãe e filhos. Quanto mais a casa tornava-se refúgio, mais a família passava a monopolizar a afetividade, criando e alimentando um sentimento de intimidade e proximidade entre o casal. Aos poucos o casamento tornou-se “[...] uma escolha individual, responsável e autônoma, baseada em laços de afeto e de afinidade” (Magalhães & Féres-Carneiro, 2003, p. 05, 06), não mais por obediência e/ou religiosidade (Araújo, Picanço & Scalon, 2008). Assim, cada vez mais as pessoas passavam a buscar no outro uma completude - sua “metade da laranja” - e a satisfação sexual. Segundo Jong (2004, p. 111), o amor romântico na família nuclear era visto positivamente, desconsiderando os aspectos do amor que poderiam causar dor e sofrimento. O próprio “viver em família” era compreendido como a base do amor e da felicidade.

Enquanto isso, no Japão, a estrutura familiar estava sendo modificada pelos governantes em uma estrutura piramidal, na qual se encontrava no topo o imperador - considerado o pai de todo o Japão. Muitos aspectos do modelo familiar antigo japonês mudaram, mas o calor e o conforto do lar ainda estavam relacionados ao cumprimento dos papéis sociais de marido e esposa e em nada estavam ligados à idéia do amor romântico do Ocidente. Os casamentos eram arranjados entre as famílias dos pais e era comum os noivos se conhecerem apenas na véspera ou no dia do casamento. Foi apenas após a Segunda Guerra Mundial, devido principalmente à influência da ocupação americana, que as famílias tornaram-se nucleares no Japão e as mulheres passaram a ter direitos iguais aos dos homens. O Código Civil de 1947 instituiu que o casamento seria de livre escolha dos noivos, sem depender da aprovação de terceiros - mudanças que necessitaram de tempo para serem incorporadas (Sakurai, 2007).

Contudo, no Ocidente o ideal romântico de casamento vinha enfraquecendo-se e a ideologia do individualismo surgia com força (Ariès, 1987; Guiddens, 1993). A igualdade tornou-se um valor indispensável ao indivíduo e a perda da liberdade de escolha passou a ser vivida com sofrimento. “Na supremacia da liberdade, a prova de amor não é dirigida ao outro, mas a si mesmo!” (Szapiro & Féres-Carneiro, 2002, s/p). Goldani (1993) acredita ser esse um amor egocêntrico. No entanto, Giddens propõe outra visão sobre o individualismo e suas conseqüências para a conjugalidade, sustentando que com os movimentos feministas começou-se a dotar o indivíduo de autonomia nas relações conjugais e familiares, permitindo que este se posicionasse como protagonista social, sem se tornar necessariamente egocêntrico, mas sim, capaz de refletir e agir com maior flexibilidade, colaborando com relações mais igualitárias.

3. 1. 1 A colônia japonesa no Brasil

Diante das dificuldades enfrentadas para se adaptar no Brasil e impossibilitados de voltar ao Japão, os imigrantes buscaram em sua tradição elementos para construir um novo arranjo familiar e uma representação no novo país (Wawzyniak, 2009). A manutenção de valores como disciplina, respeito, união e solidariedade, já cultivados pela sociedade japonesa, foram fortalecidos para minimizar a imagem negativa e de estranhamento que os brasileiros tinham dos orientais (Demartini, 1997).

As mulheres, principalmente da primeira e segunda geração de imigrantes alimentavam, e muitas ainda alimentam, a imagem típica da mulher tradicional japonesa: tímidas, reservadas e submissas. No entanto, apesar de manterem práticas sociais japonesas como os *miai* - apresentação por alguém influente de moças e rapazes que desejavam se casar -, o ensino do idioma japonês e o cuidado com os idosos, os nipo-brasileiros também “deram lugar a práticas ocidentalizadas e integradoras à sociedade brasileira” (Kawamura, 2008, p. 172), que facilitassem a adaptação. Desta maneira, os nikkeis sofreram influências culturais de ideologias como a do amor-romântico e a do individualismo com maior intensidade que os japoneses que permaneceram no Japão. O desejo de se integrar à população brasileira pode ter acelerado a ocorrência de mudanças nas práticas amorosas e conjugais deste grupo. Ainda assim, a rigidez da manutenção dos costumes e rituais tradicionais nas colônias se manteve em paralelo às influências culturais ocidentais.

A terceira geração de imigrantes japoneses no Brasil, apesar de não cultivar as práticas tradicionais tão intensamente como seus pais e avós (Beltrão, 2006), ainda mantém, além dos traços físicos, contato com alguns elementos da cultura japonesa, principalmente no que concerne ao convívio nas colônias - nos chamados *kaikan*, associações e clubes

japoneses. Esta geração constitui-se, em sua maioria, por jovens adultos de classe média, poucos falam a língua japonesa ou estudam o idioma. No entanto, Suda (2005) indica um aumento do interesse pela cultura de seus antepassados, fato que explica ser devido à boa posição sócio-econômica que o Japão vem apresentando nos últimos tempos.

Diante do pouco volume de informação sobre os nikkeis de terceira geração, procurou-se compreender por meio da comparação da representação social de casamento e amor para brasileiros não descendentes e descendentes de japoneses, se existem influências culturais japonesas quanto à conjugalidade e relações amorosas, utilizando como aporte principal nesta pesquisa a Teoria das Representações Sociais considerando a importância que possui para a compreensão de objetos sociais.

As representações sociais podem ser conceituadas como “uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (Jodelet, 2002, p. 22). É através da representação social que o sujeito confere sentido ao mundo, adapta-se e encontra seu lugar nesta realidade. Ela orienta a ação e as relações sociais (Abric, 1998).

Moscovici considera que as representações são dependentes “[...] de sistemas de crenças ancorados em valores, tradições e imagens do mundo e da existência” (2003, p. 78) e equivalem aos mitos e crenças das sociedades tradicionais. Também indica que as representações sociais podem ser consideradas uma “[...] versão contemporânea do senso comum” (1981, p. 31). Vale salientar, então, o aspecto dinâmico que elas possuem, ou seja, que as representações se modificam de acordo com as mudanças histórico-culturais.

Sá (2002, p. 51) considera a teoria das representações sociais “uma grande teoria psicossociológica” que possui como uma das abordagens complementares a teoria do núcleo central. Esta abordagem segue o princípio fundamental de que as representações

sociais estão sempre organizadas em torno de um núcleo central, formado por um ou mais elementos que conferem significado a uma representação. Ele é determinado pela natureza do objeto representado, pelos tipos de relações do grupo com este objeto e pelos valores e normas sociais do ambiente e do grupo (Abric, 1998).

O núcleo pode servir a uma função geradora, ou seja, ele gera os outros elementos presentes na representação, conferindo-lhes um sentido; pode assumir, também, uma função organizadora por unir entre si os elementos da representação, unificando-os e estabilizando-a (Abric, 1998). O núcleo é a parte mais estável da representação, o que mais resiste à mudança. “Nós afirmamos, então, que é a identificação do núcleo central que permite o estudo comparativo das representações” (Abric, 1998, p. 31). Não basta apenas identificar o conteúdo de uma representação para reconhecê-la e especificá-la, pois para serem diferentes, as representações necessitam estar organizadas ao redor de núcleos diferentes.

Os elementos periféricos organizados ao redor do núcleo são os “componentes mais acessíveis, mais vivos e mais concretos” (Abric, 1998, p. 31). Eles possuem três funções que garantem o funcionamento da representação: concretização, ancoram a representação na realidade; regulação, adaptam a representação às evoluções do contexto; defesa, protegem o núcleo das mudanças sempre que preciso.

Considerando esses aspectos, entende-se que investigar as representações sociais de casamento e de amor para os brasileiros e brasileiras descendentes e não descendentes de japoneses, constitui-se uma maneira de, através da comparação entre os resultados dos grupos, compreender melhor a influência da cultura japonesa para os nikkeis, sendo também um exercício de repensar as conseqüências culturais dos movimentos migratórios para as gerações posteriores.

3. 2 MÉTODO

Participantes

Participaram 100 pessoas de ambos os sexos, descendentes e não descendentes de japoneses, residentes no interior dos estados de São Paulo e do Espírito Santo. Foram escolhidos participantes com idades entre 18 e 50 anos, casados ou que já tenham sido casados [separados, divorciados, recasados], sendo 51 nipo-descendentes e 49 sem descendência japonesa.

Instrumento

Para a coleta dos dados foi aplicado um questionário [anexo 1] com duas questões de evocação cujos termos indutores foram *casamento* e *amor*. Após a resposta a cada uma das evocações solicitou-se ao participante que dissesse qual das palavras considerou ser a mais importante e explicar o porquê de sua escolha. Também se coletou os dados pessoais dos participantes – idade, sexo, cidade em que reside, estado civil, classe social.

Procedimento de coleta de dados

Inicialmente o contato foi realizado com participantes conhecidos da pesquisadora no interior de São Paulo e do Espírito Santo, que indicaram pessoas que pudessem participar. Também foram consideradas indicações de familiares, amigos e conhecidos. Fez-se contato com grande parte dos participantes descendentes de japoneses na Festa Junina da

colônia de Itapeva, e na ⁵Festa da Cerejeira, evento que reuniu muitos descendentes na cidade de Itapetininga.

As aplicações se realizaram em locais e horários definidos pelos participantes. Num primeiro momento foram apresentados os objetivos da pesquisa e, após esclarecimento das dúvidas, solicitou-se a cada participante que lesse e assinasse o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido [anexo 3]. Ressaltou-se que não existiam respostas certas ou erradas e que o objetivo da coleta dos dados era exclusivamente acadêmico, sendo garantido o sigilo quanto aos nomes dos(as) participantes. As respostas foram anotadas nos respectivos questionários.

Este estudo seguiu os padrões éticos da Resolução 196/96 do CNS – Conselho Nacional de Saúde, quanto à realização de pesquisas com seres humanos. Apesar da aplicação do questionário não se remeter a questões pessoais que pudessem causar incômodo ou serem percebidas como invasivas, caso o(a) participante se sentisse mal, a aplicação do questionário seria interrompida. No entanto, não houveram relatos de mal-estar ou qualquer espécie de incômodo perceptível durante a aplicação.

Procedimento de análise dos dados

Para a organização dos dados utilizou-se o software EVOC (*Ensemble de Programmes L'Analyse des Évocations*), visto ser a o objetivo desta pesquisa compreender através de uma abordagem estrutural como se configuram as representações sociais de casamento e amor para os participantes. Desenvolvido por Vergès (1992), o EVOC compreende um conjunto de 16 programas que possibilitam a análise lexicográfica das evocações, um

⁵ *Hanami* - momento do ano em que os japoneses vão aos parques para apreciar o desabrochar das flores de cerejeira. No Brasil, festa típica das colônias para reunir descendentes e não descendentes em torno das cerejeiras para confraternização e comer pratos típicos.

procedimento que considera a frequência e a ordem das palavras evocadas a partir de um termo indutor.

Após organizar as respostas de cada participante em planilhas e processá-las no EVOC, os resultados foram apresentados pelo próprio software em quadrantes organizados em dois eixos, sendo o primeiro, eixo vertical, indicador da frequência de evocação de cada palavra; o segundo eixo indica a ordem da evocação. Em seguida, agrupou-se cada palavra em categorias, como sugerido pelo software em questão.

3. 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram obtidas 1000 evocações e 334 palavras diferentes. A partir dos resultados dos quadrantes as palavras foram agrupadas por proximidade semântica em categorias. Seguem apresentados os quadrantes fornecidos pelo EVOC e a discussão sobre as categorias estabelecidas. Considerou-se os elementos do primeiro quadrante como mais relevantes e possíveis indicadores do núcleo central da representação social, enquanto os elementos do segundo e terceiro são provavelmente pertencentes à periferia mais próxima. Os elementos do quarto quadrante foram analisados como possível periferia distante, em que são observadas características pessoais dos participantes, responsáveis pelas diferenças individuais de cada grupo (Ribeiro, 2000).

Tabela 01: Representação social de *casamento* para não descendentes de japoneses em função da frequência e ordem média de evocações (N=49)

	Inferior a 2,5		Superior ou igual a 2,5	
> ou = 7	20- União	2,150	26- Amor	3,192
	7- Cumplicidade	1,857	19- Respeito	3,368
	7- Família	2,000	18- Filho	2,778
			11- Fidelidade	3,364
			9- Felicidade	3,556

< 7	6- Companheirismo	2,333	6- Paciência	4,000
	5- Sexo	2,400	5- Compreensão	3,000
	3- Dedicção	2,333	4- Brigas	3,750
	3- Festa	2,333	4- Compromisso	3,000
	3- Futuro	2,333	4- Confiança	3,500
	3- Rotina	2,000	4- Realização	2,500
			3-Amizade	3,000
			3- Estabilidade	4,000
			3- Mudança	3,000
			3- Sinceridade	3,000

Número total de evocações = 245

Número total de palavras diferentes = 77

Analisando a tabela 1, entende-se que no núcleo da representação social de casamento para não descendentes de japoneses encontram-se elementos relacionados ao amor conjugal [*união e cumplicidade*], que se refere ao sentimento afetivo construído pelo casal na vivência matrimonial cotidiana. É este sentimento o responsável por garantir a manutenção da relação a longo prazo, por implicar em compromisso, cumplicidade e união entre os cônjuges (Ariès, 1987). O elemento *família* pode indicar que possivelmente o objetivo de se casar seja formar uma família, como afirmam Lopes, Menezes, Santos e Piccinini (2006) ao pesquisarem o casamento como ritual que marca o início de um novo núcleo familiar.

Nas periferias [segundo e terceiro quadrantes] encontram-se os elementos *fidelidade, respeito e dedicação*, que reforçam a hipótese sobre o amor conjugal. É o cumprimento desses deveres que estimula e mantém a unicidade do casal. Estas são cobranças sociais, uma vez que estão na periferia, relacionados ao núcleo, que indica um modelo tradicional de casamento, como descrito por Ariès (1987) e Giddens (1993).

Outros elementos da periferia como *companheirismo e compatibilidade* [terceiro quadrante] reafirmam a hipótese da representação social de casamento estar ancorada em elementos tradicionais de um amor conjugal.

A presença do elemento *amor* na periferia próxima [segundo quadrante] pode se referir ao amor conjugal, como argumentado, ou também ao amor-paixão visto estar no terceiro quadrante a palavra *sexo*, traço que pode ser entendido como remanescente da ideologia do amor-romântico, responsável por conferir ao casamento a relação de paixão com o cônjuge (Ariès, 1987). É a presença desses elementos nas periferias que indica a função de concretização, que permite à representação de casamento estar ancorada na realidade, e a regulação, adaptando-a às mudanças de contexto, correspondendo à imagem atual de que se casa por amor, e não um amor fraterno, mas apaixonado. Dificilmente, a sociedade ocidental aceita justificativas para o casamento que não sejam pelo amor e a vontade de vivenciá-lo na relação conjugal.

O elemento *filho* também surge na periferia [segundo quadrante] reforçando a hipótese de o casamento ser um rito de passagem para a maternidade e paternidade. Ao considerara afirmação de Abric (1994, p. 79-80) de que o sistema periférico é “mais sensível e determinado pelas características do contexto imediato”, entende-se que a paternidade e a maternidade estão relacionadas ao casamento, não sendo porém parte no núcleo central, mas uma das finalidades socialmente impostas aos casais. “(...) a assunção dos papéis de marido e mulher claramente demarcarem o início de um novo núcleo familiar, a passagem para a adultez e a potencial transição para a parentalidade” (Lopes, et al, 2006, p. 56); novamente indicando a função de concretização e de regulação, ao adaptar o núcleo, composto por valores tradicionais, à realidade moderna.

Os elementos do quarto quadrante estão relacionados à periferia mais distante, em que observou-se uma maior interferência das variações individuais, ou seja, tratam-se de elementos mais pessoais que definem a heterogeneidade do grupo (Sá, 2002). Tal

afirmação justifica a presença de elementos não pertencentes às categorias observadas nos outros quadrantes, como *brigas* por exemplo.

Tabela 02: Representação social de *casamento* para nipo-descendentes em função da frequência e ordem média de evocações (N=51)

	Inferior a 2,6		Superior ou igual a 2,6	
> ou = 9	15- União	2,267	23-Companheirismo 22- Amor 20- Família 17- Filho 14- Fidelidade	2,826 3,227 2,750 3,294 2,643
< 9	8- Responsabilidade 6- Compromisso	1,500 1,300	8- Respeito 6- Cumplicidade 6- Felicidade 5- Ceder 5- Trabalho 4- Alegria 4- Confiança 4- Lar 4- Parceria	2,625 3,000 3,500 2,600 3,800 3,750 3,000 3,000 3,500

Número total de evocações = 255

Número total de palavras diferentes = 84

Quanto à tabela 02, referente aos descendentes de japoneses entrevistados, em comparação com a tabela 01 encontra-se no primeiro quadrante apenas o elemento *união*. Assim como a análise da tabela 1, acredita-se que a representação social de casamento para o descendente de japonês está baseada na unicidade do casal sob uma visão tradicionalista de casamento. No terceiro quadrante estão os elementos *responsabilidade* e *compromisso* que sugerem uma representação social de casamento também ancorada em aspectos culturais tradicionais, além de remeter aos valores culturais japoneses mantidos e reforçados principalmente no início da imigração japonesa, que colaboraram com a união da colônia e à adaptação dos primeiros imigrantes no Brasil (Beltrão, 2006; Demartini, 1997; Wawzyniak, 2009).

Infere-se que, apesar da influência cultural japonesa nos nikkeis para a representação social de casamento, esta não prejudica a convivência destes com os não descendentes, pois, ambos os grupos possuem os elementos na periferia das representações, que indicam uma adaptação da representação à realidade, ou seja, ao contexto pós-tradicional das relações conjugais.

Quanto aos possíveis aspectos tradicionais da cultura japonesa influenciando a representação que os nikkeis possuem de casamento, comparando o terceiro quadrante das tabelas 01 e 02 observa-se que para os não descendentes há elementos ligados a sentimentos de satisfação ou de preocupação como *felicidade, sexo, futuro, festa, e rotina*. Esses dados indicam uma representação de casamento menos tradicional que a dos nikkeis, em que existe espaço para refletir sobre o futuro, pensar na cerimônia, sobre a rotina, obter prazer sexual, características que podem estar relacionadas a uma flexibilidade social que parece ser maior no Brasil do que no Japão (Giddens, 1993).

A *felicidade* é um sentimento analisado de maneira diferente para os japoneses e japonesas, devido principalmente às influências religiosas do xintoísmo e budismo. Não se busca felicidade no casamento, casar faz parte do ciclo vital das pessoas. Fato que pode ser explicado pela ausência de amor-romântico no casamento com a mesma ênfase que vivenciamos no Brasil. O japonês não tem o objetivo de casar-se com o amor de sua vida, já que a paixão está relacionada à adolescência e não ao matrimônio, como afirma Sakurai (2007).

Tabela 03: Representação social de *amor* para não descendentes de japoneses em função da frequência e ordem média de evocações (N=49)

	Inferior a 2,8		Superior ou igual a 2,8	
> ou = 12	12- Respeito	2,267	15- Felicidade	2,867
	12- Sexo	2,583	14- Carinho	3,143
			12- União	3,083

< 12	9- Filho	2,111	8- Deus	3,250
	8- Família	2,375	8- Compreensão	3,000
	6- Prazer	2,333	8- Paixão	3,000
	5- Alegria	1,800	7- Cumplicidade	2,857
	4- Conjugue	2,250	7- Vida	3,000
	4- Paz	1,250	5- Fidelidade	3,200
			4- Entrega	4,000
		4- Lealdade	3,500	

Número total de evocações = 243

Número total de palavras diferentes = 79

No primeiro quadrante da tabela 3, referente ao núcleo central da representação de amor para os não descendentes, encontram-se os elementos *respeito* e *sexo*, que podem indicar uma representação social de amor ancorada no amor-paixão. A análise das periferias indica elementos mais fraternos voltados à conjugalidade e à família, responsáveis por ancorar a representação à realidade, adaptando-a às mudanças sociais brasileiras. Assim, amor-paixão toma uma imagem afetiva que o relaciona ao cônjuge, filhos e pais devido à sociedade em que os entrevistados estão inseridos.

Tabela 04: Representação social de *amor* para nipo-descendentes em função da frequência e ordem média de evocações (N=51)

	Inferior a 2,5		Superior ou igual a 2,5	
> ou = 9	19- Carinho	2,316	11- Família	3,000
	14- Felicidade	1,714	10- Amizade	3,700
	12- Filho	2,250		
	9- Paixão	2,111		
< 9	8- Alegria	1,750	8- Companheirismo	3,000
	6- Respeito	2,333	7- Cônjuge	2,857
	5- Confiança	2,400	6- Compreensão	3,000
			5- Paz	3,200
			5- União	3,000
			4- Bem-Estar	3,000
			4- Segurança	2,500
		4- Tudo	3,250	

Número total de evocações = 254

Número total de palavras diferentes = 94

No que se refere à tabela 4, entende-se que os nipo-descendentes entrevistados possuem no possível núcleo central da representação de amor os elementos: *carinho*, *felicidade*, *filho* e *paixão*. Ao analisar as periferias próximas [quadrantes dois e três], não se encontram indícios que relacionem *paixão* a uma conotação sexual. Assim, a representação de amor não parece estar ancorada no sentimento pelo parceiro sexual, mas sim em um fraterno, direcionado à família e às amizades, como observado nos resultados das evocações para *casamento*, mesmo com o elemento *paixão* presente. É nas relações afetivas com os amigos e com a família que os nipo-brasileiros parecem depositar suas expectativas de felicidade, prazer, carinho e alegria.

Considerando que o casamento não está relacionado ao amor-paixão no Japão (Sakurai, 2007) e que a estrutura familiar ainda se mantém tradicional, sendo 40% dos casamentos japoneses arranjados por *miais* (Hirata, 2002), infere-se que a influência cultural japonesa na representação social de casamento interfere consideravelmente diferenciando-a da representação para brasileiros não descendentes.

3. 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da Teoria das Representações Sociais, o presente estudo pretendeu analisar as concepções de casamento e amor que possuem brasileiros descendentes e não descendentes de japoneses no Brasil, para através da comparação compreender se os nipo-brasileiros recebem influência da cultura japonesa cem anos após a imigração de seus avós.

A análise dos resultados encontrados indica que quanto ao amor, as representações sociais são diferentes entre os dois grupos de entrevistados. Os nipo-brasileiros participantes possuem a representação de amor ancorado em uma visão fraternal, voltada

para amigos, família e filhos. Para os brasileiros, a representação parece estar ancorada no amor-paixão, significando sexo e respeito, com elementos periféricos que sugerem aspectos pós-tradicionais. Estas afirmações indicam que as representações de amor para os nikkeis podem estar ancoradas em aspectos culturais da tradição japonesa.

Quanto ao casamento, as representações sociais para ambos os grupos parecem estar ancoradas em aspectos tradicionais referentes ao amor-conjugal construído na vivência do casamento. Ainda assim, percebemos que para os brasileiros não descendentes de japoneses há a presença na periferia da representação de aspectos ligados ao amor-paixão. Para os nipo-brasileiros, o casamento não aparenta estar ligado à paixão, mas a traços mais rígidos da cultura japonesa, como compromisso e responsabilidade.

Desta maneira, a pesquisa nos permitiu compreender que após cento e dois anos da chegada dos primeiros imigrantes japoneses, seus netos e netas mantêm concepções de amor e casamento tradicionais com mais aspectos da cultura japonesa que da brasileira. Influência essa que pode ser fruto da convivência nas colônias e dos costumes ainda praticados dentro de casa pelos pais e avós. No entanto, alguns elementos dos campos periféricos sugerem também que os nikkeis estão bem adaptados à realidade brasileira atual, por serem elementos positivamente valorados e aceitos socialmente.

Para concluir, destacamos a importância da Teoria das Representações Sociais como embasamento teórico que nos permitiu a análise das concepções de casamento e amor realizada. Também destacamos a necessidade de haverem outras pesquisas que explorem a temática e, em especial, no que concerne aos descendentes de migrantes no Brasil.

REFERÊNCIAS

- Abric J. C. (1994). *Pratiques sociales et représentations*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Abric, J. C. (1998) A abordagem estrutural das representações sociais. Em Moreira, A. S. P. & Oliveira, D.C. (Orgs.) *Estudos interdisciplinares de representação social* (pp. 27-38). Goiânia: AB.
- Araújo, C., Picanço, F., Scalon, C. (2008) Percepções e práticas de gênero em perspectiva comparada. Em Costa, A. O. , Sorj, B. , Bruschini, C. & Hirata, H. *Mercado de trabalho e gênero: comparações internacionais* (pp .227-243). Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Ariès, P. (1987) O amor no casamento. Em Ariès, P. & Béjin, A. (Orgs.) *Sexualidades ocidentais* (pp. 153-162). São Paulo: Brasiliense.
- Beltrão, K. I. (2006) Permanente temporário: dekasseguis brasileiros no Japão. *R. bras. Est. Pop.*, 1 (23), 61-85.
- Birello, V. B.; Lessa, P. (2008) A imigração japonesa do passado e a imigração inversa, questão gênero e gerações na economia. *Divers@ Rev. Elet. Interdisc.*, Matinhos, 1 (1), 68-82.
- Demartini, Z. (1997) Viagens vividas, viagens sonhadas: Os japoneses em São Paulo na primeira metade do século. *Textos CERU*, 2 (7), 78-94.
- Flandrin, J. L. (1987) A vida sexual dos casados na sociedade antiga. Em Ariès, P. & Béjin, A. (Org.) *Sexualidades ocidentais* (pp.135-152). São Paulo: Brasiliense.
- Giddens, A. (1993) *A transformação da intimidade*. São Paulo: UNESP.
- Goldani, A. M. (1994) *Retratos de Família em Tempo de Crise* (numero especial). Estudos Feministas, CIEC/ECO/UFRJ.
- Hirata, H. (2002), Reorganização da produção e transformações do trabalho: uma nova divisão sexual? Em C. Bruschini e S. G. Unbehaum (orgs.), *Gênero, democracia e sociedade*, São Paulo, Fundação Carlos Chagas/Editora 34.

- Jodelet, D. (2002) Representações sociais : um domínio em expansão. Em Jodelet, D. (Org.). *As Representações sociais* (pp. 17-44). Rio de Janeiro: Eduerj.
- Jong, E. E. Basso, R. A., Paira, M. G., García, L. E. (2004) Las Representaciones Sociales Acerca de la Familia. *Ciencia, Docencia y Tecnologia*, 15 (28), 95-121.
- Kawamura, L. (2008) Família, mulher e cultura: impactos da migração para o Japão. Em Sakurai, C., Coelho, M. P. (Org). *Resistência e integração: 100 anos de imigração japonesa no Brasil* (pp. 166-179). IBGE, Centro de Documentação e Discriminação de Informações. Rio de Janeiro: IBGE
- Lesser, J. (2008) De nikkei para brasileiro e vice-versa: o papel da etnicidade na luta armada de São Paulo. Em Hashimoto, F., Tanno, J. L. & Okamoto, M. S. (Orgs.) *Cem anos da imigração japonesa: história, memória e arte*. São Paulo: Editora UNESP.
- Lopes, R. C. S.; Menezes, C.; Santos, G. P.; Piccinini, C. A. (2006) Ritual de casamento e planejamento do primeiro filho. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 1 (11), 55-61.
- Magalhães, A. S. & Féres-Carneiro, T. (2003) Conjugalidade e Subjetividades contemporâneas: O parceiro como instrumento de legitimação do “eu” [Resumo]. Em Estados Gerais da Psicanálise (Orgs), Segundo Encontro Mundial, (p. 1-13). Rio de Janeiro: SBP.
- Medeiros, M. G. L. (2002) Novos Arranjos Familiares: inquietações sociológicas e dificuldades jurídicas. In: *XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais*. Ouro Preto.
- Moscovici, S. (1981) On Social Representations. Em: FORGAS, J. P. (ed). *Social Cognition: perspectives on every day understanding* (pp. 181-209). London: Academic Press.
- Moscovici, S. (2003) *Representações Sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes.
- Ninomiya, M. (2002) *A imigração japonesa: passado, presente e futuro*. Cadernos da Memória nº 5. São Paulo: Museu da República.

- Ribeiro, A. S. M. (2000) *Macho, adulto, branco, sempre no comando?* Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, Brasília.
- Rossini, R. E. (2007) Migração dos dekasseguis do Brasil na terra do sol nascente: Tendências atuais. In: BECERRIL, J.G. Gonzales (coord.), *Migración Internacional: efectos de la globalización y las políticas migratorias*. Gobierno del Estado de Mexico. COESPO. México, p. 13-24.
- Sá, C. P. de. (2002) *Núcleo Central das Representações Sociais*. Petrópolis: Vozes.
- Sakurai, C. (2007) *Os japoneses*. São Paulo: Contexto.
- Sakurai, C. (2008) Introdução. In: Sakurai, C.; Coelho, M. P. (Orgs.) *Resistência e integração: 100 anos de imigração japonesa no Brasil* / IBGE, Centro de Documentação e Discriminação de Informações. Rio de Janeiro: IBGE, p. 09-13.
- Suda, J. R. (2005) *Identidade social em movimento: a comunidade japonesa na Grande Vitória (ES)*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo.
- Szapiro, A. M. & Feres-Carneiro, T. (2002) Construções do feminino pós anos sessenta: o caso da maternidade como produção independente. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 1 (15), 179-188.
- Vergès, P. (1992) L'évocation de l'agent: une méthode pour definition du noyau central d'une représentation. *Bulletin de Psychologie*, 45 (405), 203-209.
- Wawzyniak, S. M. (2009) Contornos e representações familiares: a constituição da família Japonesa no Brasil. Em: *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Colóquios, Recuperado em 05 de janeiro de 2010 de <http://nuevomundo.revues.org>

4. ARTIGO 2

A ESCOLHA DO PARCEIRO AMOROSO E AS PRÁTICAS CONJUGAIS ENTRE NIKKEIS

RESUMO

A pesquisa investigou as concepções de parceiro amoroso e as práticas conjugais para descendentes de japoneses, de ambos os sexos, casados e separados, e foram abordados assuntos relacionados à escolha do parceiro amoroso, ao casamento e à vida conjugal doméstica. Para a análise dos dados utilizou-se a técnica da Análise de Conteúdo e o aporte das Teorias de Gênero. A análise indica influências da cultura brasileira tradicional, do amor-romântico e do individualismo sobre o discurso dos(as) entrevistados, além de influências tradicionais japonesas. Foram observadas diferenças de gênero principalmente no discurso feminino, que indica haver dificuldade dos parceiros em aceitar a independência financeira da esposa e a divisão de tarefas, contudo, três dos quatro entrevistados indicaram dividir as tarefas domésticas e valorizar a realização profissional da esposa.

Palavras-chaves: Japoneses, casamento, gênero.

ABSTRACT

The research investigated the Japanese-Brazilian concepts of loving partner and practices of marriage, of both sexes, married and separated, and we dealt with issues related to choice of love partner, marriage and domestic life. For data analysis we used the technique of content analysis and the contribution of the Theories of Gender. The analysis suggests the influences of traditional Brazilian culture, romantic-love and individualism on the speech of the interviewed, as well as traditional Japanese influences. Gender differences were observed mainly in female discourse, which indicates that there is difficulty to the partners in accepting their financial independence and the division of tasks, however, three of four respondents indicated divide the household chores and raise their professional wife achievement.

Keywords: Japanese-Brazilian, marriage, Gender.

4. 1 INTRODUÇÃO

Na verdade o casamento foi uma coisa bem simples, só mesmo com os padrinhos, né? É porque na época não dava pra fazer nenhuma festa mesmo, né! [...] Nossa idéia era casar e ir pro Japão. (André)

Os movimentos migratórios entre Japão e Brasil vêm sendo alvo de várias pesquisas que discutem importantes dados sobre a vida desses migrantes, como a decisão de migrar, a adaptação à cultura brasileira e japonesa, dificuldades enfrentadas, e as expectativas futuras (Kawamura, 2008, Sakurai, 2007, Ninomiya, 2002, Lesser, 2001, Sasaki, 2006, Rossini, 2006). Mesmo havendo estudos sobre a migração japonesa no Brasil, ainda são poucos aqueles que discutem gênero, como afirma Birello e Lessa (2008), e consideramos ainda maior a lacuna quando pensamos no estudo dos brasileiros descendentes de japoneses que não emigraram, mas que continuam vivendo no Brasil e são importante parcela da população.

Pensando nos nikkeis [descendentes de japoneses nascidos fora do Japão] que integram a sociedade brasileira, o presente estudo analisa a escolha do parceiro amoroso e algumas práticas conjugais, para compreender um pouco mais sobre as influências culturais brasileiras e japonesas, principalmente, sobre essas pessoas, utilizando para tanto o aporte das teorias de gênero.

Há cento e dois anos atrás, os primeiros imigrantes japoneses chegavam no Brasil com a esperança de ganhar dinheiro e rapidamente voltar para o Japão ricos. No entanto, seus planos foram frustrados, pois, as chances de acumular dinheiro rápido eram mínimas. Assim, encontraram nas lavouras brasileiras outra realidade e se depararam com a impossibilidade de voltar ao país de origem e reatar os laços familiares lá deixados (Sakurai, 1993; Ninomiya, 2002; Wawzyniak, 2009). Obrigados a se adaptar, os japoneses desenvolveram estratégias para diminuir o preconceito racial que havia contra eles, supervalorizando conceitos tradicionais de honra, retidão, honestidade, entre outros.

Em meio à adaptação dos japoneses, no Brasil modificava-se a maneira de conceber o casamento e surgia no cenário ocidental a ideologia do amor romântico, que tornava possível se casar com quem se ama. Assim, diferente do modelo de casamento tradicional, em que os pais escolhiam o(a) futuro(a) cônjuge, no início do século XX existia a possibilidade de viver o grande amor na relação conjugal no ocidente, realidade que não atingiu de imediato a população nihonjin [pessoas nascidas no Japão], visto esta se esforçar para manter os costumes japoneses tradicionais. Os nihonjins casavam-se entre si, sendo a escolha do(a) cônjuge uma decisão tomada pelos pais dos noivos, como era o costume japonês, e somente a partir de 1950 a escolha do parceiro deixou de ser apenas dos pais e passou para os noivos. A prática mais comum era o *miai* [encontros promovidos por uma terceira pessoa, bastante influente na colônia japonesa, em que eram apresentados entre si jovens pretendentes ao casamento], mas ainda assim, eram discriminados aqueles que casassem com brasileiros(as) (Suda, 2005), o amor acontecia durante a vivência conjugal e se estendia a toda a família.

Em 1970 no Japão, os movimentos feministas incentivaram as japonesas a buscar igualdade e a questionar o sistema patriarcal tradicional que ainda as cerceava na esfera doméstica (Sakamoto, 1999). Na década de 1990 houve um crescimento significativo da participação da mulher no mercado de trabalho japonês (Figuerola-Saavedra, 2004), mas apesar de passar por mudanças intensas e lentas, a estrutura familiar japonesa continua nuclear com o lugar de esposa e esposo tradicionalmente mantidos. A esposa é responsável pelos cuidados com o marido, filhos e lar, sendo quem responde pelo desempenho profissional do cônjuge além de administrar as finanças familiares [o salário do esposo], de maneira que este não tenha que se ocupar com qualquer outra coisa senão com seu trabalho fora de casa. Quando a vida profissional do esposo vai mal, os japoneses supõem que este deve estar sendo mal cuidado pela esposa, ou que esta não se dedica como deveria. Faz parte do ciclo vital estudar, trabalhar e se casar para constituir uma família (Sakurai, 2007).

Atualmente, os japoneses representam a parcela da população mundial com maior declínio do casamento e das taxas de fertilidade (Nemoto, 2008). O casamento tardio e até mesmo a desistência de se casar são justificados por alguns fatores como a possível insatisfação feminina com a vida doméstica, a obrigação de deixar a carreira profissional ao se casar e

se dedicar ao lar e por não desejar abandonar a casa dos pais, que em sua maioria possui ótima situação financeira e oferece mais conforto que a do futuro marido (Ueda, 2007; Nemoto, 2008; Raymo & Ono, 2009).

Do outro lado do mundo, com o início da década de 1970 os movimentos feministas também ganharam força e afetaram os relacionamentos amoroso e matrimoniais (Torres, 2001; Araújo & Scalon, 2006; Hirata, 2002; Sorj, 2005). Presenciamos no Brasil profundas mudanças na estrutura familiar, marcadas pelo aumento do número de famílias monoparentais, principalmente formadas por mães e filhos, diminuição do número de famílias nucleares [formadas pela presença do casal e filhos], aumento do número de separações e diminuição das taxas de fecundidade (Sorj, 2005). Alguns autores consideram essa fase pós-nuclear negativa, visto estar associada à passagem do amor-romântico para uma ideologia individualista, sugerindo ser um retrocesso e a responsável pela descrença na família como instituição (Medeiros, 2002). Para Goldani (1994), o individualismo concentra a atenção das pessoas na insegurança e preocupação com situações objetivas da vida, contribuindo para que elas deixem de pensar com profundidade sobre as contradições e desigualdades da sociedade.

Outra visão sobre as relações familiares no individualismo é a de Giddens (1993), que defende o individualismo como uma oportunidade aos homens e mulheres de se tornarem protagonistas de suas relações conjugais e familiares, já que para o amor romântico o foco é o outro e não o próprio indivíduo: a felicidade só é possível através da completude que o outro oferece. Essa possibilidade de autonomia colabora com uma ruptura com as tradições que destinam ao homem o poder nas relações, reatualizando as discussões sobre as conseqüências do individualismo na modernidade (Medeiros, 2002). Não se trata de egoísmo como argumentam outros autores, mas de um pensar em si considerando os direitos e deveres conjugais e familiares, na medida em que socialmente cada vez mais se reflete sobre temáticas como violência doméstica, dificuldades subjetivas e a realização individual (Medeiros, 2002). Para Giddens (1993), a mudança da estrutura familiar nuclear para a monoparental não se caracteriza como esfacelamento familiar, mas sim, um ganho de autonomia individual que se define não pela manutenção de papéis tradicionais de esposa e esposo, mas através da responsabilidade e solidariedade com o outro.

Compartilhamos a opinião de que homens e mulheres ainda não abandonaram alguns traços tradicionais, mas, em contrapartida, alguns brasileiros já conseguem posicionar-se de maneira individualista, procurando deixar de lado as exigências sociais clássicas feitas aos cônjuges. Isto implica em repensar os direitos e deveres e sua posição na relação amorosa de maneira mais igualitária, mas ainda não impede que se mantenham problemáticas sociais conseqüentes das desigualdades de gênero, como a violência sexual e doméstica.

Torres (2001) realizou uma pesquisa sobre a imagem da mulher em Portugal, e relata ter se surpreendido com a nitidez de seus resultados que indicam uma mulher companheira do esposo e igual em direitos e deveres. Esta autora discute que apesar da sobrecarga quanto ao trabalho assalariado e o doméstico, devido às conquistas femininas é possível perceber nas mulheres entrevistadas um aumento da auto-estima, da confiança em si e sentimentos de realização pessoal, mesmo se pagando um preço caro. Araújo e Scalon (2006) explicam que ainda se mantém uma visão da “mulher cuidadora” e do “homem provedor”, mas os trânsitos entre público e doméstico são uma conquista contemporânea alcançada. Contudo, as autoras também ressaltam que esses ganhos não são conseqüências apenas das alterações nas estruturas familiares, mas também sócio-econômicas.

“A distinção entre homem e mulher é um fato sempre presente; determina a experiência, influi na conduta e estrutura expectativas” (Pinsky, 2009, p. 162). Vários autores afirmam também que as culturas e os contextos afetam as relações conjugais e familiares (Hirata, 2002, Torres, 2001; Gianórdoli-Nascimento & Trindade, 2002; Araújo & Scalon, 2006), e foi partindo desse pressuposto que pesquisamos como as culturas brasileira e japonesa podem afetar as práticas conjugais e a escolha do parceiro, analisando para tanto, os nikkeis, que em sua maioria cresceu em meio a rituais e práticas japoneses mantidos pelos avós e pais, mas também sob influência brasileira ao dividindo espaços com pessoas não descendentes, com quem estudam, trabalham e amam.

4.2 MÉTODO

Participantes

Foram entrevistados quatro mulheres, sendo duas casadas e duas separadas, e quatro homens casados, descendentes de japoneses, residentes no interior do estado de São Paulo, com idades entre 29 e 41 anos, para coletar informações de nikkeis da terceira geração, que podem estar mais integrados aos costumes brasileiros devido à amenização das dificuldades de adaptação entre os brasileiros em geral, e constituem uma parcela ainda pouco pesquisada.

Instrumento

Foi realizada uma entrevista baseada em um roteiro semi-estruturado [anexo 2], gravada, com cada participante, contendo os dados pessoais – idade, sexo, cidade em que reside, estado civil, classe social – e questões que abordaram os seguintes tópicos: escolha do(a) parceiro(a), namoro, casamento, amor, vida conjugal e fidelidade. As entrevistas foram agendadas nos horários e locais de acordo com a disponibilidade de cada participante.

Procedimento de coleta de dados

As entrevistas se realizaram em locais e horários definidos pelos participantes. Num primeiro momento foram apresentados os objetivos da pesquisa e, após esclarecimento das dúvidas, solicitou-se a cada participante que lesse e assinasse o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido [anexo 3]. Ressaltou-se que não existiam respostas certas ou erradas e que o objetivo da coleta dos dados era exclusivamente acadêmico, sendo garantido o sigilo quanto aos nomes dos(as) participantes.

Foram seguidos os padrões éticos da Resolução 196/96 do CNS – Conselho Nacional de Saúde, que dispõe sobre a realização de pesquisa com seres humanos. Caso o(a) participante sentisse algum incômodo ou apresentasse algum tipo de mal-estar, a entrevista poderia ser interrompida e sua participação encerrada ou continuada em outro momento.

No entanto, não houveram situações de desconforto visível dos(as) participantes. Pelo contrário, após as entrevistas alguns relataram ter gostado da experiência por pensarem sobre a vida conjugal e repensarem suas escolhas do passado e para o futuro.

Procedimento de Análise dos dados

Para a análise das entrevistas, utilizou-se a Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2002, p. 42), que se constitui em:

Um conjunto de técnicas de análise de comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Dentre as técnicas propostas para a Análise de Conteúdo, utilizou-se a análise temática, que consiste na identificação e análise de temas contidos no texto de cada entrevista. Após serem entendidos, os temas são organizados em “unidades de significação”. Para tanto, as entrevistas foram transcritas e lidas de maneira “flutuante” procurando obter uma visão geral de seu conteúdo. A partir disso, foram relidas exaustivamente para identificar as unidades de significação relacionadas a aspectos considerados importantes para esta pesquisa.

4. 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir serão discutidas as unidades de significado como propõe Bardin (2002), utilizando como ilustração trechos das transcrições das entrevistas realizadas para essa pesquisa. Atribuímos nomes fictícios aos participantes, procurando preservar o anonimato dos mesmos e apresentamos algumas informações complementares sobre cada um.

No momento da entrevista André tinha 35 anos, ensino superior e era pai de um filho. Tiago, 38 anos, ensino médio e pai de dois filhos. Gustavo tinha 37 anos, ensino médio e

dois filhos. Bruno possuía 35 anos e ensino médio e tinha dois filhos. Todos os quatro participantes eram casados, e consideravam-se de classe média. Quanto às mulheres entrevistadas, Marina tinha 41 anos, ensino fundamental, era separada e tinha três filhos. Bianca, 29 anos, tecnóloga, casada e não tinha filhos. Carina tinha 39 anos, ensino superior, era separada e tinha duas filhas. Lia, 38 anos, ensino superior, separada e tinha uma filha. Bruno e Carina são irmãos. Gustavo e Marina nunca foram ao Japão, sendo que todos os outros migraram por um curto período de tempo para juntar dinheiro e voltar ao Brasil onde residiam na época da entrevista. Os oito participantes são sanseis [terceira geração de descendentes de japoneses].

Japonês com brasileiro - mistura proibida?

Na história da imigração japonesa, japoneses e seus descendentes preservavam a cultura e as tradições mantendo a colônia unida, o que significava que casamentos com brasileiros não eram bem vistos. Nas entrevistas, pudemos notar uma mudança principalmente no discurso masculino, e a presença de aspectos tradicionais em grande parte do discurso feminino. Entre as pessoas entrevistadas, todos os homens indicaram preferir se relacionar com mulheres não descendentes e foi unânime a afirmação da existência de uma tradição imposta pela família e pelas pessoas da colônia para namorarem e se casarem com mulheres da mesma descendência. Este resultado corrobora com a afirmação de Suda (2005, p. 19) sobre ser mais frequente a união entre homens japoneses e mulheres brasileiras, que homens brasileiros com mulheres japonesas, devido à saída dos descendentes do meio rural para as cidades e por uma crença de que se casasse com japonesa, o bebê nasceria amarelo, pois, acreditava-se que era a mulher a responsável pela aparência da criança.

Sempre teve aquela pressão pra ficar com os da própria raça, descendentes. É que o pessoal mais antigo tinha aquela idéia que a pessoas da própria descendência se adaptaria melhor. Mas mesmo dentro dos japoneses tem os bons e os ruins também. Tanto é que o único que casou com descendente foi o meu irmão terceiro. (Bruno)

André disse que se casaria com nikkei só se fosse para seguir a tradição, mas que não via necessidade disso. Gustavo contou ter sido criado fora da tradição e longe do contato com os avós japoneses, acreditando que sofreria se casasse com nikkei por não compartilhar os mesmos costumes. No entanto, Tiago, cujos pais seguem rigidamente as tradições, disse preferir brasileiras não descendentes, porque já conhece demais os costumes e gostaria de se relacionar com alguém que fosse diferente. Assim, mesmo com a pressão social para se casar com nikkei, os homens sugerem certa autonomia para decidir se namorarão e casarão com mulheres da mesma descendência ou não, sendo que todos afirmaram não ter se relacionado com nikkeis até a data da entrevista, utilizando justificativas diversas para tanto.

A gente já sabe que a cultura, como que é a cultura do nihonjin [japonês], né? E que a cultura da outra pessoa é legal, parecida com a sua, parece que isso faz com que a gente tente procurar uma coisa diferente, né? É engraçado, eu nunca me interessei por uma, alguém japonês! [risos] Queria alguém diferente, né? (Tiago)

Quanto às mulheres entrevistadas, três disseram preferir nikkeis como parceiros amorosos e apenas uma afirmou preferir os brasileiros por serem mais amorosos, apesar de considerar difícil a convivência entre nikkeis e não descendentes no casamento devido à grande diferença entre as culturas japonesa e brasileira. As tradições parecem afetar diretamente a maneira como elas concebem os possíveis parceiros, pois, em seus discursos a descendência japonesa do homem garante uma sensação de segurança a elas quanto a saber o que esperar da relação. Homens não descendentes de japoneses são menos compromissados e responsáveis, enquanto, nikkeis são considerados mais sérios, comprometidos e “para casar”.

Eu acho que quem cresce no meio da tradição japonesa acho que a gente tem aquela consciência de, dá a sensação de estabilidade do casamento, daquela coisa estável. Já com o não descendente, pelo menos eu particularmente, eu não sei se eu me sentiria tão segura com relação assim de... A cultura ser muito diferente, né? (Bianca)

Eu acho que eles [nikkeis] eram mais... Eles queriam namorar mesmo. Eram mais compromissados, eram mais intensos. (Carina)

Suda (2005) sugere que a maneira como brasileiros e os próprios nikkeis concebem os descendentes de japoneses relaciona-se às características como trabalhador, estudioso, esforçado e honesto. Esta imagem clássica pode ser observada no discurso das participantes. Diferentemente, os homens possuem uma visão mais igualitária, em que as diferenças sociais excludentes parecem não estar presentes. Assim, o gênero é um fator determinante na maneira como nikkeis compreendem brasileiros e descendentes de japoneses enquanto pretendentes afetivos. Apesar de não haver uma proibição social rígida como a que sofriam os nikkeis de primeira e segunda geração, ainda existe uma indicação velada de que o melhor partido para o casamento é aquele da mesma etnia - o nikkei, indicação que não parece determinar a decisão dos homens descendentes de japoneses, mas fundamental na visão das mulheres entrevistadas.

A escolha do(a) cônjuge

Nenhum dos homens participantes relatou ter namorado descendentes de japoneses, diferente das mulheres entre as quais apenas uma não namorou nikkei, e ainda assim considerava difícil a convivência conjugal entre brasileiros e nikkeis. Todos os homens disseram ser a aparência física o primeiro elemento que chama a atenção na escolha da parceira, mas é a existência de um objetivo em comum para o casal que justifica a continuidade do namoro. Segundo André e Bruno, o desejo de migrar para o Japão foi decisivo para a união entre os casais, principalmente por suas namoradas não serem nikkeis.

Foi assim pela aparência, né? Que a gente, a primeira coisa que a gente acha, que a gente gosta, né? E depois o jeito de ser... A gente tinha o mesmo objetivo de trabalho, de melhorar de vida e estudar e isso foi só aumentando na verdade, né? (André)

É o objetivo em comum que une o casal criando um vínculo afetivo mais intenso, que pode estar associado ao sentimento de completude que Nóbrega, Fontes e Paula (2005) relatam

ser o amor. É importante ressaltar que para dois dos entrevistados esses objetivos eram migrar para o Japão, no entanto eles não procuraram garotas nikkeis para compartilhar esse desejo - que seria o esperado devido à proximidade com os costumes e idioma japoneses. Lutar junto para alcançar a meta, ainda mais quando ela exige sacrifício [deixar a família e o país para migrar para o Japão e trabalhar pesado sem ser nikkei], pode ser considerado uma grande prova de amor.

É uma ótima pessoa [esposa]. É honesta, é boa filha! E principalmente foi desprendida porque aceitou casar e ir pro Japão comigo. E se deu muito bem. (André)

Traços no discurso de André remetem à visão tradicional de cônjuge, como “honesto”, “boa filha”, que também são evidentes nos discursos de Lia e Bianca.

O que me atraiu nele foi realmente a questão da integridade mesmo. Por ser uma pessoa muito correta. E, agora porque casei com ele, seria mais assim, acho que comodidade acho. (Lia)

Ele é quieto, extremamente certinho, extremamente quadrado até às vezes! Às vezes frio também, acho que até por conta da forma como ele foi criado também. (Bianca)

A pressão da família e da comunidade japonesa fica clara na entrevista de Lia, que oito anos após a separação e mesmo namorando um não descendente, ainda recebia incentivos dos pais e sogros para reatar o casamento por seu ex-marido ser “japonês”, de família conhecida e um bom partido que ela não deveria recusar. Essa pressão parece ter influenciado muito em sua decisão de se casar anos atrás. Seguir as tradições impostas pela sociedade, principalmente pelos pais, muitas vezes é a opção escolhida por ser uma situação cômoda (Torres, 2001), no entanto, Lia decidiu se separar depois de perceber-se solitária e compreendeu que seu parceiro sempre fora independente dela e da filha. Segundo Nóbrega, Fontes e Paula (2005), o amor é o desejo de ter o outro, e é exatamente a angústia de se perceber inacabado e incompleto que gera sofrimento e impulsiona o indivíduo a querer o outro. Assim, o amor não correspondido, ou seja, aquele que não cria

uma relação de dependência do outro para com o indivíduo, resulta no sofrimento, uma vez que este se percebe sozinho sem a completude desejada.

Vários participantes relataram ter sofrido com o rompimento do relacionamento anterior, assim como os(as) respectivos(as) parceiros(as), e sugerem que compartilhar com o outro esse sofrimento fortaleceu a relação. Assim, além da beleza física, o apoio que um encontrou no outro foi importante para o aprofundamento do vínculo amoroso. Bianca relatou ter pedido à colega de trabalho no Japão, para apresentá-la a algum jovem solteiro, ou seja, através de um *miai*, porque estava sofrendo demais com a solidão após o término do namoro.

(...) eu deposei muita dependência em cima dele [ex-namorado]. E assim que a gente terminou eu fiquei meio na lama, né? Então, na época que eu conheci o P., nossa ele me tirou de um buraco. É... Eu tava na lama mesmo. (Bianca)

Desta maneira, interferem na escolha do cônjuge a aparência física, num primeiro momento, e o envolvimento afetivo resultante da descoberta de afinidades entre o casal, aprofundando o relacionamento e oferecendo um sentimento de completude.

O cotidiano doméstico

Segundo Araújo e Scalon (2006) o modelo clássico de relações conjugais vem sendo substituído por um padrão moderno dual, em que as mulheres continuam sendo as principais cuidadoras, mas trabalham em casa e em empregos assalariados. Entre os oito entrevistados, no discurso de Marina e Carina observa-se um modelo de relacionamento moderno dual. Todos trabalham e fica a cargo das mulheres a responsabilidade pelo trabalho doméstico. Marina e Carina disseram que seus ex-maridos não ajudavam nos afazeres da casa. Contudo, no discurso de Gustavo, Bruno e André, a divisão do trabalho doméstico com as esposas parece igualitária, podendo haver características sutis que indiquem o pensamento tradicional masculino quanto a dividir as tarefas domésticas na tentativa de ajudar as esposas e não por sentirem-se igualmente responsáveis.

Tem dia que sou eu que cozinho, dia que to de folga. [...] Tem dia que ela tá muito cansada [...] eu faço a janta, mas, o dia que eu não to aqui, ela se vira e faz comida pra todo mundo. [...] limpar a casa, o serviço mais pesado sou eu que faço, arrastar os móveis pesados, arrastar os tapetes, sou eu porque a minha mulher é pequenininha [...] (Gustavo)

Os mesmos também afirmaram dividir os salários e as contas, planejar as férias e os gastos juntos. Segundo Torres (2001), processos de conjugalidade estão propensos a terem mais sucesso quanto existe partilha e autonomia. As relações descritas possuem uma característica mais afetiva de parceria e colaboração que “exclusivamente romântica ou aventureira” (p.61).

Como o tempo é curto a gente deixa alguma coisa pronto. Tem que pegar o filho na escola [...] Eu percebo que sou mais estourado, porque ela estuda agora. Além do meu trabalho, preciso fazer os afazeres da casa, e minha filhinha tem três anos e tenho que dar banho e tal. [risos] Mas a gente vai levando numa boa. (Bruno)

Segundo Araújo e Scalon (2006) a modernização das sociedades contribui para o enfraquecimento dos papéis tradicionais baseados no gênero, permitindo mudanças na conjugalidade, que tende a se tornar mais igualitária. Contudo, no discurso de Tiago encontramos um exemplo de relação clássica “homem provedor” e “mulher cuidadora”. Ele trabalha fora e ela cuida da casa, dos filhos e administra o dinheiro:

[...] ela é do lar, parece que ela tinha vontade de trabalhar, né? [...] Se ela quiser ela vai trabalhar, mas desde que não comprometa a educação dos filhos ou o lar, né? E é um dom que ela tem [administrar os gastos da família]. Ela tinha um caderninho que ela tem até hoje. (Tiago)

No discurso de Tiago elementos tradicionais, como o uso de “lar”, que remete a uma visão romântica em que a família nuclear torna-se refúgio. Ou seja, mesmo com as conquistas do movimento feminista na década de 1970, ainda se mantém práticas clássicas que não acompanham as mudanças sócio-econômicas, mas que estão cada vez mais enfraquecidas

devido à ideologia do individualismo que relaciona o trabalho assalariado à possibilidade de realização pessoal feminina, gerando conflitos conjugais ao se opor ao padrão tradicional que localiza o homem como detentor do poder (Giddens, 1993; Araújo & Scalon, 2006).

Também podemos relacionar a dinâmica doméstica narrada por Tiago como muito influenciada pela cultura japonesa. Ele descreve ter crescido em meio a ritos e costumes japoneses dentro de casa, e seu relacionamento estampa o modelo japonês conjugal da mulher cuidadora do lar e das finanças, possibilitando que o marido apenas se preocupe com o trabalho.

Marina e Camila vivenciaram relacionamentos em que assumiam uma dupla jornada de trabalho [em casa e no trabalho assalariado] e o cônjuge não assumia o papel masculino de homem provedor nem de parceiro, mas trabalhava fora de casa e não aceitava dividir as tarefas domésticas, nem que a esposa ganhasse um salário superior ao seu. Este pode ser um exemplo de “egoísmo” a que Goldani (1993) se refere, resultante de um excesso de atenção do indivíduo a ele próprio. O autor considera esta uma consequência do mundo pós-moderno, por acreditar que o individualismo leva as pessoas a pensarem objetivamente sobre seus próprios problemas, esquecendo-se de refletir sobre outras questões, como as desigualdades sociais e de gênero.

No relato das duas participantes notamos que houve uma mudança de uma família, em princípio nuclear, para monoparental devido à separação. Já os maridos separados sem contato com os filhos constituem famílias unipessoais. Medeiros (2002), explica que esses novos modelos familiares são cada vez mais comuns e consequentes de um individualismo “egoísta”, como se referiu Goldani (1993). Esta seria uma das consequências da modernidade.

Vida profissional e o controle financeiro

A divisão social do trabalho com aparente aceitação masculina da mulher fora de casa, o casal assumindo junto as tarefas domésticas, despesas e cuidados das crianças ainda não é

unanimidade (Araújo & Scalon, 2006), contudo, nos discursos de André, Bruno e Bianca verificamos a possível influência de uma diferença cultural que parece afetar principalmente jovens migrantes de kasseguis: a experiência no Japão de dividir a maior parte das tarefas domésticas e as despesas devido à dificuldade temporal imposta pelas longas jornadas de trabalho e o objetivo de acumularem dinheiro para voltar ao Brasil. Podemos pensar que casais que migraram juntos, como o caso de Bruno, André e suas respectivas esposas, prepararam-se previamente para uma vida conjugal assim. O caso de Lia pode ser diferente se considerarmos a aparente recusa de seu esposo a se envolver afetivamente, dificultando o diálogo e a criação de metas que direcionem a uma divisão mais igualitária das tarefas. Bianca e Carina conheceram seus parceiros amorosos no Japão, sem que houvesse um planejamento da partilha das tarefas. Seus relatos indicam companheiros com uma visão tradicional de relação, o que gerava conflito no casamento por não aceitarem a busca das esposas por uma satisfação profissional e a mudança de comportamento que esta exigia.

Bianca, em particular, apesar de ser casada com um marido com idéias tradicionais de esposa/esposo, trocou de posição com ele. Quando voltou do Japão casada, retomou os estudos e conseguiu um trabalho assalariado. O marido não quis voltar a estudar, não trabalhava, mas administrava as despesas da casa e se responsabilizava pelas tarefas domésticas. Ainda assim, ela se queixa que o marido não aceitava essa situação, mas que chegou a pensar que o casamento poderia realmente atrapalhar sua carreira universitária e profissional.

Eu não quero trabalhar [...] pra eu ficar independente dele, sei lá e eu dar um pé na bunda dele, sabe? Acho que hoje ele vê isso, mas no começo já não, no começo que eu comecei a estudar eu acho que pensei que realmente o casamento ia me atrapalhar, mas hoje não. [...] Ele já sabe como é a situação mesmo, eu já sei qual é a situação dele também, então, junto acho que a gente aprendeu bastante também. (Bianca)

Atualmente o casal continua negociando seus papéis como marido e mulher. Bianca terminou a faculdade e seu esposo retomou os estudos depois de dez anos aproximadamente. Ela descreveu ser difícil essa negociação e a adaptação às contingências

que se expõem, mas observou também o marido está mais flexível e que se sente satisfeita com tantas conquistas alcançadas na vida profissional.

Vida nova pra ele e não deixa de ser pra mim também, né? Então, ele tá indo pra parte dos estudos e eu to me empenhando pro meu serviço. E é aquela fase que a gente tá assim, um aprendendo a respeitar a nova rotina de cada um, né? (Bianca)

Desta maneira, a construção de um feminino e masculino, do estilo de vida e das estruturas familiares pode ser vivenciada de diversos modos devido às grandes mudanças ocorridas na modernidade e também às tradições que permanecem. Mesmo com as diferentes possibilidades de organização familiar, o modelo socialmente considerado legítimo ainda é a família conjugal, fato intensificado com a influência da cultura japonesa, extremamente rígida neste aspecto; permitindo que as pessoas vivenciem conflitos e ambigüidade na vida doméstica devido às diferenças de concepções tradicionais e modernas (Medeiros, 2002), como observamos nos discursos dos participantes.

4. 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos investigar com esta pesquisa se nikkeis de terceira geração recebiam influências culturais japonesas relevantes no processo de escolha do parceiro amoroso e da conjugalidade. Conseguimos identificar traços culturais de ambos os países em questão no discurso dos entrevistados.

Faz-se necessário ressaltar que não foi nosso objetivo considerar os resultados representativos da comunidade nikkei brasileira, visto ser esta uma pesquisa qualitativa e exploratória que abordou um número relativamente reduzido de homens e mulheres entrevistados. Também destacamos que nosso intuito não era realizar uma análise geracional, mas indicamos para futuras pesquisas tal proposta por considerarmos a importância dos dados que poderão ser encontrados para a compreensão das dinâmicas culturais em questão.

As diferenças de gênero puderam ser observadas nos discursos dos(as) participantes, levando-nos a entender que quanto à decisão de se relacionar amorosamente com descendentes ou não de japoneses, homens são menos tradicionalistas que as mulheres não indicando preferência por nikkeis, enquanto as entrevistadas apresentaram um discurso com vários aspectos tradicionais que mantêm uma imposição social da colônia japonesa no Brasil de que descendentes devem-se casar com descendentes, estabelecida desde o início da imigração japonesa e que se sustenta com menos intensidade e força até os dias atuais.

Quando falaram sobre os(as) parceiras(os), aspectos tradicionais e atuais das culturas japonesa e brasileira encontram-se presentes nas entrevistas de ambos os sexos. Há uma tendência a considerar características estereotipadas dos japoneses como bem valoradas (esforçados, trabalhadores, dignos, corretos, entre outros). No entanto, as práticas descritas pelos participantes indicam relacionamentos conjugais mais igualitários, sem que possamos afirmar se estes ocorrem de fato ou se permanecem no discurso.

No que tange ao cotidiano conjugal, os relatos foram variados, sendo apresentadas dinâmicas domésticas clássicas à atuais. Em geral, três dos quatro homens relataram divisões igualitárias quanto às atividades domésticas e de cuidado com os filhos. Apenas um apresentou características típicas de uma relação conjugal tradicional japonesa, demonstrando grande influência cultural dos pais e avós tradicionalistas com quem cresceu. Em relação às mulheres, todas demonstraram a necessidade de alcançar satisfação profissional e relataram ter enfrentado dificuldades nos relacionamentos amorosos para conciliar vida doméstica e profissional. Araújo e Scalon (2006) indicam que apesar de a mulher procurar a realização pessoal no trabalho, a vida doméstica ainda remete aos principais espaços de reprodução material e produção simbólica, intensificando as dificuldades de lidar com as imposições sociais e culturais brasileiras e japonesas e os próprios desejos em meio à dinâmica conjugal.

Sugerimos para futuras pesquisas o estudo do tema considerando fatores como diferenças de idade, religião e profissão, que não foram consideradas neste estudo, mas são relevantes para uma compreensão mais profunda da cultura e da conjugalidade relacionadas às influências culturais japonesas e brasileiras.

Acreditamos que este trabalho reafirma a complexidade das relações conjugais diante de influências culturais tradicionais e pós-tradicionais, e salienta um outro desafio para os nikkeis e seus cônjuges, refletir sob a influência da cultura japonesa, que possui aspectos clássicos rígidos quanto a ser esposa e esposo, e da brasileira que apresenta-se mais flexível, sobre suas relações conjugais e sociais em geral.

Para o êxito do casamento não basta solidariedade e responsabilidade, não basta amor, não basta empenho. É da articulação de todos estes elementos, temperando-lhes as doses em função dos referentes culturais e sociais, que se constrói a configuração específica do êxito da conjugalidade (Torres, 2001, p. 61).

REFERÊNCIAS

- Araújo, C., Picanço, F., Scalon, C. (2008) Percepções e práticas de gênero em perspectiva comparada. Em Costa, A. O. , Sorj, B. , Bruschini, C. & Hirata, H. *Mercado de trabalho e gênero: comparações internacionais* (pp .227-243). Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Bardin, L. (2002) *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Birello, V. B.; Lessa, P. (2008) A imigração japonesa do passado e a imigração inversa, questão gênero e gerações na economia. *Divers@ Rev. Elet. Interdisc.*, Matinhos, 1 (1), 68-82.
- Figuroa-Saavedra, M. (2004) La situación laboral de la mujer en Japón. *Cuadernos de Relaciones Laborales*, 2 (22), 167-195.
- Gianordoli-Nascimento, I. F.; Trindade, Z. A. (2002) O que fazer quando o coração aperta? A dinâmica conjugal pós-infarto. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, 1 (18), 107-115.
- Giddens, A. (1993) *A transformação da intimidade*. São Paulo: UNESP.
- Goldani, A. M. (1994) *Retratos de Família em Tempo de Crise* (numero especial). Estudos Feministas, CIEC/ECO/UFRJ.
- Hirata, H. (2002), Reorganização da produção e transformações do trabalho: uma nova divisão sexual? Em C. Bruschini e S. G. Unbehaum (orgs.), *Gênero, democracia e sociedade*, São Paulo, Fundação Carlos Chagas/Editora 34.
- Kawamura, L. (2008) Família, mulher e cultura: impactos da migração para o Japão. Em Sakurai, C., Coelho, M. P. (Org). *Resistência e integração: 100 anos de imigração japonesa no Brasil* (pp. 166-179). IBGE, Centro de Documentação e Discriminação de Informações. Rio de Janeiro: IBGE
- Lesser, J. (2001) *A negociação da identidade nacional: Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: Ed Unesp.
- Medeiros, M. G. L. (2002) Novos Arranjos Familiares: inquietações sociológicas e dificuldades jurídicas. In: *XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos*

Populacionais. Ouro Preto.

Nemoto, K. (2008) Postponed marriage: exploring women's views of matrimony and work in Japan. *Gender & Society*, 2 (22), 219–237.

Ninomiya, M. (2002) *A imigração japonesa: passado, presente e futuro*. Cadernos da Memória nº 5. São Paulo: Museu da República.

Nóbrega, S. M.; Fontes, E. P. G.; Paula, F. M. S. M. (2005) Do amor e da dor: representações sociais sobre o amor e o sofrimento psíquico. *Estud. psicol. (Campinas)*, Campinas, 1 (22), 77-87.

Pinsky, C. B. (2009) Estudos de Gênero e História Social. *Revista Estudos Feministas*, 1 (17), 159-89.

Raymo, J. M.; Ono, H. (2007) Coresidence with parents, women's economic resources, and the transition to marriage in Japan. *Journal of Family Issues*, 5 (28), 653–681.

Rossini, R. E. (2007) Migração dos dekasseguis do Brasil na terra do sol nascente: Tendências atuais. In: BECERRIL, J.G. Gonzales (coord.), *Migración Internacional: efectos de la globalización y las políticas migratorias*. Gobierno del Estado de Mexico. COESPO. México, 13-24.

Sakurai, C. (2007) *Os japoneses*. São Paulo: Contexto.

Sakurai, C. (1987) *Romanceiro da imigração japonesa*. São Paulo: Nobel.

Sakamoto, K. (1999) Reading Japanese women's magazines: the construction of new identities in the 1970s and 1980s. *Media Culture Society*, London, Thousand Oaks, New Delhi, 2 (21), 173–193.

Sasaki, E. (2006) A imigração para o Japão. *Estud. av.*, São Paulo, 57 (20), 99-117.

Sorj, B. (2005) Percepções sobre esferas separadas de gênero. In: Araújo, C.; Scalon, C. (Orgs.) *Gênero, família e trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 79-88.

- Suda, J. R. (2005) *Identidade social em movimento: a comunidade japonesa na Grande Vitória (ES)*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo.
- Torres, A. (2001), Casamento e gênero: mudanças nas famílias contemporâneas a partir do caso português. *Revista Interseções*, 3 (2), 53-70.
- Ueda, A. (2007) A dynamic decision model of marriage, childbearing, and labour force participation. *The Japanese Economic Review*, 4 (58).
- Wawzyniak, S. M. (2009) Contornos e representações familiares: a constituição da família Japonesa no Brasil. Em: *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Colóquios, Recuperado em 05 de janeiro de 2010 de <http://nuevomundo.revues.org>

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cerimônia de casamento foi um dos primeiros rituais a serem abrazeirados nas colônias japonesas (Sakurai, 2008), principalmente, devido ao interesse dos imigrantes em se adaptar à sociedade brasileira. Desde o início da imigração, os japoneses e seus descendentes compartilham e aprendem novos costumes e valores com os brasileiros. Nesta pesquisa foram investigadas quais representações sociais de casamento e práticas conjugais brasileiros descendentes e não descendentes de japoneses possuem, para identificar influências culturais brasileiras e japonesas presentes nos discursos dessas pessoas.

Quanto às representações sociais de casamento, são encontrados elementos no núcleo central que sugeriram uma representação de casamento ancorada em um modelo tradicional de conjugalidade, baseado na união e na responsabilidade tanto para nikkeis, quanto para não descendentes. No entanto, elementos relacionados a uma visão romântica e a um modelo individualista podem ser observados nas periferias próximas, garantindo a adaptação dessas representações à realidade.

Em relação às representações sociais de amor, os resultados expõem representações para os nikkeis, ancoradas em aspectos tradicionais japoneses, remetendo o amor à família e aos amigos, em um modelo fraterno no qual o amor não se destina ao parceiro sexual. Diferentemente, para os brasileiros não-descendentes os resultados encontrados nas evocações apontam para uma representação social de amor que se traduz em *sexo* e *respeito*, podendo indicar uma ancoragem em um modelo tradicional de amor que não se relaciona ao cônjuge, mas sim ao parceiro sexual, como também sugere elementos pós-

tradicionais em que a relação sexual amorosa pode ou não estar ligada à conjugalidade, desde que exista respeito e espaço entre os parceiros para cada um vivenciar a relação de intimidade como protagonista, como sugere Giddens (1993) ser um reflexo das mudanças de uma sociedade moderna.

Em se tratando da escolha do(a) cônjuge, foram analisadas as diferenças de gênero e os resultados conferem com os encontrados na pesquisa de Suda (2005) em que homens japoneses casam-se mais com brasileiras sem descendência, enquanto as mulheres japonesas, com nikkeis. Ao serem entrevistados, todos os participantes mencionaram a tradição como influência sobre a escolha do parceiro amoroso. Os homens descreveram haver uma pressão da família e dos idosos japoneses para seguir a tradição e se casar com japonesa, mesmo assim, nenhum namorou com nikkei, indicando que apesar da pressão, esta não afeta suas escolhas amorosas. No entanto, as nikkeis entrevistadas mostraram em seu discurso preferência por homens descendentes de japoneses, considerando a tradição um aspecto positivo, que garante segurança e o compromisso do parceiro, o que consideram não observar nos brasileiros não descendentes.

Quanto às práticas cotidianas conjugais relatadas pelos entrevistados, estas apontam diferentes posturas. Casais nikkeis aparentam ter dificuldade de negociar os papéis conjugais, relatando haver conflito entre a busca da satisfação pessoal feminina no trabalho assalariado, com uma visão tradicional masculina de homem provedor. Casais mistos [nikkeis com não descendentes] parecem negociar com menor dificuldade esses espaços conjugais, descrevendo em seus discursos rotinas domésticas e familiares mais igualitárias. No entanto, é preciso considerar que as mulheres entrevistadas queixaram-se da dificuldade de seus esposos em aceitar uma relação igualitária, e que os relatos das relações igualitárias vieram dos homens. Assim, os resultados dessa pesquisa não podem

identificar se os relatos realmente retratam as práticas, mas infere-se que possa haver no discurso dos participantes um desejo e uma intenção que supervaloriza aspectos modernos conjugais, como a igualdade entre os gêneros financeira e conjugal, mas que ainda não se expressa na dinâmica conjugal real. Torres (2001) encontrou resultados semelhantes ao comparar representações de casamento com as práticas para homens e mulheres portugueses, dizendo haver um desejo dos portugueses de ser moderno, apesar das práticas apontarem modelos tradicionais de masculino e feminino.

Observam-se, então, representações e práticas ainda ancoradas em modelos tradicionais de conjugalidade, e concluí-se que mesmo os nikkeis de terceira geração recebem e mantêm forte influência cultural japonesa, que interfere na maneira como representam os objetos sociais e atuam socialmente.

Faz-se importante ressaltar que não foi o objetivo desta pesquisa realizar uma investigação geracional, deixando a sugestão para possíveis pesquisas na área. Também se sugere que futuros estudos relacionem fatores sócio econômicos com as concepções e representações de casamento e amor para os nikkeis, podendo aprofundar o estudo desta temática.

REFERÊNCIAS

- Abric J. C. (1994). *Pratiques sociales et représentations*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Abric, J. C. (1998) A abordagem estrutural das representações sociais. Em Moreira, A. S. P. & Oliveira, D.C. (Orgs.) *Estudos interdisciplinares de representação social* (pp. 27-38). Goiânia: AB.
- Araújo, C., Picanço, F., Scalon, C. (2008) Percepções e práticas de gênero em perspectiva comparada. Em Costa, A. O. , Sorj, B. , Bruschini, C. & Hirata, H. *Mercado de trabalho e gênero: comparações internacionais* (pp .227-243). Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Ariès, P. (1987) O amor no casamento. Em Ariès, P. & Béjin, A. (Orgs.) *Sexualidades ocidentais* (pp. 153-162). São Paulo: Brasiliense.
- Badinter, E. (1985) *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bardin, L. (2002) *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Beltrão, K. I. (2006) Permanente temporário: dekasseguis brasileiros no Japão. *R. bras. Est. Pop.*, 1 (23), 61-85.
- Birello, V. B.; Lessa, P. (2008) A imigração japonesa do passado e a imigração inversa, questão gênero e gerações na economia. *Divers@ Rev. Elet. Interdisc.*, Matinhos, 1 (1), 68-82.
- Braz, M. P.; Dessen, M. A.; Silva, N. L. P. (2005) Relações conjugais e parentais: uma comparação entre famílias de classes sociais baixa e média. *Psicol. Reflex. Crit.*, Porto Alegre, 2 (18).
- Del Priore, M. (2007) *História das Mulheres no Brasil*. 9. ed. São Paulo: Contexto.
- Demartini, Z. (1997) Viagens vividas, viagens sonhadas: Os japoneses em São Paulo na primeira metade do século. *Textos CERU*, 2 (7), 78-94.

- Flandrin, J. L. (1987) A vida sexual dos casados na sociedade antiga. Em Ariès, P. & Béjin, A. (Org.) *Sexualidades ocidentais* (pp.135-152). São Paulo: Brasiliense.
- Figuroa-Saavedra, M. (2004) La situación laboral de la mujer en Japón. *Cuadernos de Relaciones Laborales*, 2 (22), 167-195.
- Garcia, M. L. T; Tassara, E. T. O. (2003) Problemas no casamento: uma análise qualitativa. *Estudos de Psicologia*, 1 (8), 127-135.
- Gianordoli-Nascimento, I. F.; Trindade, Z. A. (2002) O que fazer quando o coração aperta? A dinâmica conjugal pós-infarto. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, 1 (18), 107-115.
- Giddens, A. (1993) *A transformação da intimidade*. São Paulo: UNESP.
- Giddens, A. (2002), *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar eds., Grocery Yearbook (2002).
- Goldani, A. M. (1994) *Retratos de Família em Tempo de Crise* (numero especial). Estudos Feministas, CIEC/ECO/UFRJ.
- Hirata, H. (2002), Reorganização da produção e transformações do trabalho: uma nova divisão sexual? Em C. Bruschini e S. G. Unbehaum (orgs.), *Gênero, democracia e sociedade*, São Paulo, Fundação Carlos Chagas/Editora 34.
- Hollenbach, G. B. (2003) O Casamento e a TPM: novos tempos, novos sentidos. *Em Questão*, Porto Alegre, 2 (9), 255-269.
- IBGE (2009) *Estatística do Registro Civil de 2008*. Rio de Janeiro: IBGE.
- Jodelet, D. (2002) Representações sociais : um domínio em expansão. Em Jodelet, D. (Org.). *As Representações sociais* (pp. 17-44). Rio de Janeiro: Eduerj.
- Jong, E. E. Basso, R. A., Paira, M. G., García, L. E. (2004) Las Representaciones Sociales Acerca de la Familia. *Ciencia, Docencia y Tecnologia*, 15 (28), 95-121.

- Kawamura, L. (2008) Família, mulher e cultura: impactos da migração para o Japão. Em Sakurai, C., Coelho, M. P. (Org). *Resistência e integração: 100 anos de imigração japonesa no Brasil* (pp. 166-179). IBGE, Centro de Documentação e Discriminação de Informações. Rio de Janeiro: IBGE
- Lesser, J. (2001) *A negociação da identidade nacional: Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: Ed Unesp.
- Lesser, J. (2008) De nikkei para brasileiro e vice-versa: o papel da etnicidade na luta armada de São Paulo. Em Hashimoto, F., Tanno, J. L. & Okamoto, M. S. (Orgs.) *Cem anos da imigração japonesa: história, memória e arte*. São Paulo: Editora UNESP.
- Lloyd, C. B.; Duffy, N. (1998) Familias en transición. In: BRUCE, J.; Lloyd, C. B.; Leonard., A. (eds.). *La familia en la mira: nuevas perspectivas sobre madres, padres e hijos*. Nueva York: The Population Council, p. 5-23.
- Lopes, R. C. S.; Menezes, C.; Santos, G. P.; Piccinini, C. A. (2006) Ritual de casamento e planejamento do primeiro filho. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 1 (11), 55-61.
- Magalhães, A. S. & Féres-Carneiro, T. (2003) Conjugalidade e Subjetividades contemporâneas: O parceiro como instrumento de legitimação do “eu” [Resumo]. Em Estados Gerais da Psicanálise (Orgs), Segundo Encontro Mundial, (p. 1-13). Rio de Janeiro: SBP.
- Medeiros, M. G. L. (2002) Novos Arranjos Familiares: inquietações sociológicas e dificuldades jurídicas. In: *XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais*. Ouro Preto.
- Mello, L. (2006) Familismo (anti)homossexual e regulação da cidadania no Brasil. *Rev. Estud. Fem*, 2 (14), 497-508.
- Moscovici, S. (1981) On Social Representations. Em: Forgas, J. P. (ed). *Social Cognition: perspectives on every day understanding*. London: Academic Press.

- Moscovici, S. (2003) *Representações Sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes.
- Nakamatsu, T. (2005) Faces of Asian brides: gender, race, and class in the representations of immigrant women in Japan. *Women's Studies International Forum*. Austrália, (28), 405–417.
- Nemoto, K. (2008) Postponed marriage: exploring women's views of matrimony and work in Japan. *Gender & Society*, 2 (22), 219–237.
- Nóbrega, S. M.; Fontes, E. P. G.; Paula, F. M. S. M. (2005) Do amor e da dor: representações sociais sobre o amor e o sofrimento psíquico. *Estud. psicol. (Campinas)*, Campinas, 1 (22), 77-87.
- Ninomiya, M. (2002) *A imigração japonesa: passado, presente e futuro*. Cadernos da Memória nº 5. São Paulo: Museu da República.
- Ocada, F. K. (2006) Uma Reconstrução da Memória da Imigração Japonesa no Brasil. *Teoria & Pesquisa*, 49 (1), 227-232.
- Pereira, N. O. N.; Oliveira, L. O. P. (2008) Trajetória dos Imigrantes japoneses no Brasil: Censo Demográfico 1920/2000. In: Sakurai, C.; Coelho, M. P. (Orgs.) *Resistência e integração: 100 anos de imigração japonesa no Brasil / IBGE, Centro de Documentação e Discriminação de Informações*. Rio de Janeiro: IBGE, 09-13.
- Peres, R. G. (2004) As mulheres na imigração internacional: as diferenças nas estratégias de homens e mulheres ao longo da trajetória migratória. *Anais do XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais*. Caxambu: ABEP, 20-24 setembro.
- Pinsky, C. B. (2009) Estudos de Gênero e História Social. *Revista Estudos Feministas*, 1 (17), 159-89.
- Raymo, J. M.; Ono, H. (2007) Coresidence with parents, women's economic resources, and the transition to marriage in Japan. *Journal of Family Issues*, 5 (28), 653–681.

- Raymo, J. M., Kikuzawa, S., Liang, J., Kobayashi, E. (2008) Family structure and well-being at older ages in Japan. *Journal of Population Research*, 3 (25), 239.
- Ribeiro, A. S. M. (2000) *Macho, adulto, branco, sempre no comando?* Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, Brasília.
- Ribeiro, C. A. C. (2005) Classe e gênero no Brasil contemporâneo: mobilidade social, casamento e divisão do trabalho doméstico. In: Araújo, C.; Scalon, C. (Org). *Gênero, família e trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 173–201.
- Rossini, R. E. (2007) Migração dos dekasseguis do Brasil na terra do sol nascente: Tendências atuais. In: BECERRIL, J.G. Gonzales (coord.), *Migración Internacional: efectos de la globalización y las políticas migratorias*. Gobierno del Estado de Mexico. COESPO. México, 13-24.
- Sá, C. P. de. (2002) *Núcleo Central das Representações Sociais*. Petrópolis: Vozes.
- Sakurai, C. (2007) *Os japoneses*. São Paulo: Contexto.
- Sakurai, C. (2008) Introdução. In: Sakurai, C.; Coelho, M. P. (Orgs.) *Resistência e integração: 100 anos de imigração japonesa no Brasil / IBGE, Centro de Documentação e Discriminação de Informações*. Rio de Janeiro: IBGE, 09-13.
- Sakamoto, K. (1999) Reading Japanese women's magazines: the construction of new identities in the 1970s and 1980s. *Media Culture Society*, London, Thousand Oaks, New Delhi, 2 (21), 173–193.
- Scott, J. W. (2005) O enigma da igualdade. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 1 (13), 11-30.
- Silva, C. G. M. (2002) O Significado de fidelidade e as estratégias para prevenção da AIDS entre homens casados. *Rev Saúde Pública*, 4 (36), 40-49.
- Sorj, B. (2005) Percepções sobre esferas separadas de gênero. In: Araújo, C.; Scalon, C. (Orgs.) *Gênero, família e trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 79-88.

- Steel, G. (2004) Gender and political behavior in Japan. *Social Science Japan Journal*, 2 (7), 223-244.
- Suda, J. R. (2005) *Identidade social em movimento: a comunidade japonesa na Grande Vitória (ES)*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo.
- Szapiro, A. M. & Féres-Carneiro, T. (2002) Construções do feminino pós anos sessenta: o caso da maternidade como produção independente. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 1 (15), 179-188.
- Torres, A. (2001), Casamento e gênero: mudanças nas famílias contemporâneas a partir do caso português. *Revista Interseções*, 3 (2), 53-70.
- Trindade, Z. A.; Nascimento, A. R. A.; Gianordoli-Nascimento, I. F. (2006) Resistência e mudança: representações sociais de homens e mulheres ideais. In: Almeida, A. M. O. *Violência, exclusão social e desenvolvimento humano: estudos em representações sociais*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, p. 187-213.
- Ueda, A. (2007) A dynamic decision model of marriage, childbearing, and labour force participation. *The Japanese Economic Review*, 4 (58).
- Vergès, P. (1992) L'évocation de l'agent: une méthode pour definition du noyau central d'une représentation. *Bulletin de Psychologie*, 45 (405), 203-209.
- Wawzyniak, S. M. (2009) Contornos e representações familiares: a constituição da família Japonesa no Brasil. Em: *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Colóquios, Recuperado em 05 de janeiro de 2010 de <http://nuevomundo.revues.org>

ANEXOS

ANEXO 1
QUESTIONÁRIO

A – DADOS PESSOAIS

Sexo: (F) (M) Idade: _____ Escolaridade: _____

Profissão: _____ Religião: _____

Estado Civil: _____ Filhos (S) (N) Quantos: _____

() Issei () Nissei () Sansei () Yonsei () Mestiço () Não descendente

(ex)Cônjuge: () descendente de japonês () não descendente

Classe Econômica: () Alta () Média () Baixa Cidade/ Estado: _____

Data: __/__/__

B – EVOCAÇÃO

Fale cinco palavras que vêm à sua mente quando pensa em “esposa(o)”:

1- _____

2- _____

3- _____

4- _____

5- _____

Entre as palavras que você falou, qual considera ser a mais importante? Por quê?

Fale cinco palavras que vêm à sua mente quando pensa em “casamento”:

1- _____

2- _____

3- _____

4- _____

5- _____

Entre as palavras que você falou, qual considera ser a mais importante? Por quê?

Fale cinco palavras que vêm à sua mente quando pensa em “separação”:

1- _____

2- _____

3- _____

4- _____

5- _____

Entre as palavras que você falou, qual considera ser a mais importante? Por quê?

Fale cinco palavras que vêm à sua mente quando pensa em “amor”:

1- _____

2- _____

3- _____

4- _____

5- _____

Entre as palavras que você falou, qual considera ser a mais importante? Por quê?

ANEXO 2

ROTEIRO SEMI-ESTRUTURADO PARA ENTREVISTA

Vivências

- Com quem morava antes de casar e depois de casado(a)?
- Namorou nipo-brasileiros?
- Fale sobre seu (ex)companheiro(a)
- Como o(a) conheceu? O que te atraiu nele(a)? Por quê se casou com ele(a)?
- História do casamento [namoro, noivado, a cerimônia] e término [quando separados]
- Cotidiano conjugal
- Filhos
- Convivência com a família
- Vida profissional
- Como e quem organiza e controla o orçamento doméstico e as finanças da família
- Afazeres domésticos
- Expectativas para o casamento e/ou relacionamento amoroso

Conceitos

- O que é necessário para manter um casamento?
- Quais as vantagens e desvantagens de se casar?
- O que pensa sobre casar com descendente de japonês?
- O que faz uma pessoa se apaixonar?
- O que você pensa sobre divórcio?
- O que você pensa sobre fidelidade?

ANEXO 3

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (T.C.L.E.)

Concordo em participar da pesquisa abaixo discriminada, nos seguintes termos:

PESQUISA

TÍTULO: Representações sociais de casamento para homens e mulheres nipo-brasileiros.

RESPONSÁVEL: Prof. Dr. Lídio de Souza

RESPONSÁVEL PELA COLETA DOS DADOS: Ana Sayuri Ribeiro Waricoda

INSTITUIÇÃO: Universidade Federal do Espírito Santo

ENDEREÇO: Av. Fernando Ferrari, nº 514, CEMUNI VI, Campus Universitário de Goiabeiras. CEP 29075-910, Vitória-ES

TELEFONES: 27 4009-7688 ou 27 8805-4118

JUSTIFICATIVA E OBJETIVO DA PESQUISA

Devido à pouca literatura sobre casamento para os brasileiros e brasileiras descendentes de japoneses, entende-se ser importante a realização desta pesquisa, que objetiva compreender qual é o significado de casamento para a vida dessas pessoas.

SOBRE A PARTICIPAÇÃO DOS VOLUNTÁRIOS

Após o consentimento de cada voluntário e voluntária, será aplicado um questionário e/ou realizada uma entrevista individual com questões que abordam a temática do casamento. As entrevistas serão gravadas e transcritas na íntegra posteriormente. Assegura-se o anonimato de cada participante, havendo a possibilidade de desistência a qualquer momento sem que isto acarrete ônus para ele(a).

RESULTADOS

Os resultados serão divulgados em meio acadêmico através da participação em congressos e publicação em periódicos científicos, procurando assim colaborar com o acesso a informações sobre a vida dos nipo-descendentes e discussões sobre gênero e casamento.

Identificação do participante:

Nome: _____

RG: _____ Órgão emissor: _____

Estando assim de acordo, assinam o presente termo de compromisso livre e esclarecido em duas vias:

Participante

Prof. Dr. Lídio de Souza